



Limiares  
e  
Ecos

Cristina Rolim Wolfenbüttel

Cristina Rolim Wolffenbüttel

LIMIARES  
E ECOS



EDITORA  
SCHREIBEN

2026

© Da autora - 2026  
Editoração e capa: Schreiben  
Capa e ilustrações: Cristina Rolim Wolffenbüttel  
Revisão: Renata Ramisch  
Livro publicado em: 14/04/2026  
Termo de publicação: TP0262026

**Conselho Editorial (Editora Schreiben):**

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)  
Dr. Airton Spies (EPAGRI)  
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)  
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)  
Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)  
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)  
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)  
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)  
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)  
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)  
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)  
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)  
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)  
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)  
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)  
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)  
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)  
Dra. Marciane Kessler (URI)  
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)  
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)  
Dr. Odair Neitzel (UFFS)  
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

*Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência e da apresentação das tabelas, quadros, mapas, fotografias e referências é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).*

Editora Schreiben  
Linha Cordilheira - SC-163  
89896-000 Itapiranga/SC  
Tel: (49) 3678 7254  
editoraschreiben@gmail.com  
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W853 Wolffnbüttel, Cristina Rolim.  
Limiares e Ecos / Cristina Rolim Wolffnbüttel. – Itapiranga, SC :  
Schreiben, 2026.  
82 p. ; il. ; e-book. ; 15 x 21 cm.  
E-book no formato PDF  
ISBN: 978-65-5440-661-1 [versão impressa]  
EISBN: 978-65-5440-660-4 [versão digital]  
DOI: 10.29327/5830708  
1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira. 3. Narrativa curta. I. Título.

CDD 869.93

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

“

Navegamos em um mar de histórias, onde o tempo se perde em curvas e os segredos pulsam sob a pele do cotidiano. Nestes limiares e ecos, a realidade é apenas uma das muitas verdades a serem sentidas.”

CRISTINA ROLIM WOLFFENBÜTTEL



# UM CONVITE À JANELA

Caro leitor,

É com um misto de expectativa e carinho que o convido a percorrer estas páginas. Você tem em mãos uma coleção de instantes, um mosaico de vozes, um pequeno universo contido em cada história que aqui reside. Neste livro, cada virar de página é um abrir de porta para um cenário diferente, um novo coração pulsando, uma jornada única a ser vivida.

Estes contos não se conectam por uma linha de tempo ou personagens recorrentes, mas sim por um fio invisível que costura a tapeçaria da condição humana. São fragmentos da vida, ora luminosos, ora sombrios, que buscam explorar as complexidades do nosso eu, os segredos escondidos nos gestos mais simples e as reviravoltas que moldam nosso destino. Eles nascem da curiosidade sobre o que nos move, o que nos assombra e o que nos faz sonhar, convidando à reflexão sobre a vastidão que existe dentro e fora de nós mesmos.

Para mim, o conto é a magia da condensação: a capacidade de criar um mundo completo, com suas próprias regras e verdades, em poucas palavras. É a oportunidade de pegar o leitor pela mão, levá-lo a um lugar inesperado e soltá-lo com uma nova perspectiva, uma emoção fresca ou uma pergunta persistente. Essas histórias brotaram de observações atentas do cotidiano, de sonhos vívidos e de sussurros da imaginação que insistiam em tomar forma.

Prepare-se para espiar por entre as frestas, para sentir o inesperado, para questionar o óbvio e se encontrar em situações e personagens que talvez nunca tenha imaginado. Não há um caminho único, apenas múltiplos destinos esperando para serem desvendados.

Espero sinceramente que cada conto seja uma janela aberta para novas sensações e que essa leitura o transporte para mundos particulares, deixando em sua memória um eco, um sorriso ou um suspiro.

*Com carinho,*

*Cristina Rolim Wolfenbüttel*

# SUMÁRIO

O segredo da biblioteca e a baleia.....	9
Entre o sonho e a herança.....	15
O quarto que guardou o tempo.....	31
A areia e o espelho.....	47
A escola dos ecos.....	51
O avanço do mar.....	57
O arquivo infinito.....	61
A Mansão do Refúgio.....	67
Sobre a autora.....	81



Restaurante  
Sabor da Vovó

## O SEGREDO DA BIBLIOTECA E A BALEIA

O cheiro de temperos caseiros, já um pouco esmaecido pelo final do dia, pairava no ar do “Sabor da Vovó”, um restaurante simples de toalhas xadrez e cadeiras de madeira que rangiam. O sol já se punha, pintando o céu de laranja e roxo através das janelas empoeiradas, e o burburinho da minha família era o último vestígio de vida antes do silêncio noturno. Minha mãe, com seu sorriso cansado, tentava organizar os pratos vazios, enquanto minha irmã ria ruidosamente de alguma piada dos primos, que se esticavam preguiçosamente na mesa. Era um almoço tardio, quase um jantar, com aquela familiaridade aconchegante que só nossa família conseguia criar, mas com um toque de melancolia do “já vai acabar”.

Apesar da algazarra, uma inquietação sutil me puxava. Eu precisava de ar, ou talvez de um escape daquela rotina previsível. Então meus olhos se fixaram numa porta de serviço no fundo do salão, quase escondida atrás de uma estante de temperos. Eu não a tinha notado antes. Movida por uma curiosidade incontável, deslizei para fora da mesa até a porta e, sem que ninguém percebesse, girei a maçaneta fria.

A porta rangeu, revelando não uma cozinha abarrotada, mas um pequeno corredor úmido que terminava abruptamente em outra porta, esta de madeira escura e pesada. Hesitei por um instante, o som da família se tornando abafado, distante. Empurrei-a.

Um baque surdo, e então... o silêncio. Um ar salgado e fresco invadiu minhas narinas. Diante de mim, não havia um quintal ou um beco, mas uma vasta extensão de água escura, quase negra sob o crepúsculo. Era um rio? Um lago? Talvez o mar? Não conseguia distinguir. A superfície era um tapete denso de vegetação aquática, de um verde profundo e

misterioso, que se movia suavemente com uma corrente invisível. Entre as folhas, pequenos pontos cintilantes se agitavam: minúsculos seres, quase transparentes, nadavam em frenesi. Era uma vida pulsante, escondida à vista de todos.

A curiosidade, mais forte do que qualquer hesitação, impeliu-me a dar um passo, depois outro, até que meus pés tocaram a água fria. Mergulhei as mãos, senti as plantas aquáticas escorregadias e macias em minha pele, um toque estranho e vivo que parecia me puxar para mais perto. Deixei que a água me envolvesse até os joelhos, sentindo a dança da vegetação ao meu redor. Quando, minutos depois, decidi sair, um arrepio percorreu meu corpo: eu estava completamente seca. Nem uma gota em minhas roupas ou na pele, como se eu jamais tivesse entrado na água. Aquele detalhe, mais do que a própria água, acendeu um alarme silencioso em minha mente: havia algo muito incomum ali.

Ainda em meio à estranheza daquilo tudo, caminhei até a soleira, observando a água por mais alguns instantes como que à espera de explicação. Foi então que ouvi um som vindo do corredor, era um dos cozinheiros que passava por ali. Ele parou ao notar minha presença e, com um sorriso enigmático, indicou a água com o dedo antes de dizer:

— Ah, sim. A despensa secreta da natureza. Essa é a comida das baleias.

A frase ecoou na minha mente, estranha e poderosa. Comida de baleia. Ali, nos fundos de um restaurante simples, tão perto do burburinho familiar, havia um portal para um ecossistema oculto, um banquete para gigantes. Por que aquela porta estava ali? Que segredo o “Sabor da Vovó” guardava, conectando o trivial ao monumental? O que significava, afinal, “comida de baleia” nesse contexto tão inesperado? A semente de um mistério acabara de ser plantada.

A imagem daquele rio escuro e da “comida de baleia” nos fundos do “Sabor da Vovó” não me abandonou. Aquela frase, dita com tanta casualidade pelo cozinheiro, fincou raízes profundas na minha mente, desabrochando em uma obsessão silenciosa.

O almoço familiar terminou, e a melancolia do “já vai acabar” deu lugar a uma nova e estranha urgência. Comecei a pesquisar, a ler, a tentar entender o que significava aquele alimento, aquela vida miúda que nutria

algo tão colossal. A porta no fundo do restaurante havia se tornado um portal não apenas para um corpo d'água, mas para um novo caminho dentro de mim.

Foi essa busca, essa fome por compreender o elo entre o pequeno e o gigante, que me levou à velha Escola de Artes do bairro. Não para pintar ou esculpir, mas para me perder em sua biblioteca, um labirinto de estantes altas e cheiro de papel envelhecido. O lugar era um santuário para mentes curiosas, com vitrais coloridos que filtravam a luz do entardecer em tons de âmbar e violeta. Eu não buscava inspiração artística no sentido convencional, mas sim um conhecimento que pudesse decifrar o enigma que a baleia e seu alimento representavam. Folheava livros de biologia marinha, mitologia, simbolismo dos sonhos, buscando qualquer pista que pudesse iluminar aquela visão.

A biblioteca, no entanto, guardava seu próprio segredo. No fundo de um corredor menos frequentado, havia uma grande janela de arco, diferente das demais. Ela não dava para o pátio interno da escola, mas sim para um segmento de rio, ou talvez um braço de mar. Novamente, a mesma ambiguidade da experiência anterior. A água ali era mais clara, mas ainda assim profunda e convidativa. E foi ali, entre os sussurros dos estudantes e o farfalhar das páginas, que ouvi as histórias sobre “a baleia da biblioteca”, um ser majestoso que, diziam, aparecia em determinados horários, como se tivesse um compromisso com o tempo e o lugar. Ninguém sabia ao certo o motivo, mas a expectativa era palpável entre os poucos que conheciam o segredo. A janela, para mim, deixou de ser apenas um ponto de luz e se tornou um palco, e eu, uma espectadora ansiosa, aguardava a entrada da protagonista. Cada tiquetaque do relógio na parede era um passo na direção daquele encontro prometido, um elo final para a estranha jornada iniciada nos fundos do “Sabor da Vovó”.

Os dias na biblioteca se arrastavam em uma doce agonia de espera. Meus olhos, mais do que os livros, vasculhavam a janela de arco em busca do menor sinal de movimento na água. Até que, em uma tarde cinzenta, quando a luz já esmaecia e o silêncio da biblioteca era quase absoluto, um tremor sutil percorreu a superfície da água. Primeiro uma ondulação distante, depois um jorro de água que subiu aos céus como uma fonte

colossal. E então, ela emergiu.

Não era apenas grande: era monumental. Uma montanha viva de pele escura e reluzente. A baleia da biblioteca. Seus olhos, de um azul profundo e antigo, pareciam me fitar diretamente, atravessando o vidro da janela com uma sabedoria milenar. Ela era a própria grandiosidade da natureza, um poema em movimento, e sua presença preencheu não apenas a paisagem lá fora, mas cada canto daquela biblioteca, cada fibra do meu ser. A beleza era avassaladora, e eu me vi sem fôlego, com lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto.

Então, algo impossível começou a acontecer. Não foi um *flash* nem um truque de luz. Foi gradual, quase como um suspiro do universo. A baleia, majestosa como era, começou a diminuir. Lentamente, suas proporções colossais se contraíam, suas barbatanas se recolhiam e seu corpo se adaptava, sem perder a forma, à medida da janela. Era como se o próprio espaço estivesse cedendo à sua vontade, como se ela estivesse se tornando um reflexo da minha própria percepção, cabendo ali naquele limiar entre mundos. Atravessei o peitoril e ela, agora do tamanho de um pequeno barco, deslizou suavemente para dentro da biblioteca, pousando com uma leveza inacreditável sobre o carpete empoeirado. Não havia som, apenas a respiração suave que emanava dela.

Eu me ajoelhei, a incredulidade ainda lutando com a maravilha que se desenrolava diante dos meus olhos. Estendi a mão, trêmula, e toquei seu corpo. Era quente, incrivelmente macio, como veludo molhado, uma pele antiga e viva que pulsava sob meus dedos. Não havia escamas nem aspereza, apenas uma suavidade que parecia absorver toda a minha ansiedade, toda a minha busca. Naquele toque, senti uma conexão que transcendia o tempo e o espaço, uma paz profunda que me envolveu. Era como se eu estivesse tocando a essência de um segredo antigo, uma memória ancestral em mim despertada. O enigma da “comida de baleia” e do rio no fundo do restaurante, a busca incessante na biblioteca: tudo se fundiu naquele momento, revelando uma verdade que não precisava de palavras.

O tempo pareceu estagnar naquele instante. Minha mão repousava sobre a pele macia da baleia, e a biblioteca, antes um refúgio de livros e sussurros, transformou-se em um templo de revelações silenciosas. O encontro não foi uma mensagem verbal, mas uma epifania sensorial, um

despertar que reverberou em cada célula do meu corpo. A baleia, com sua presença ancestral e sua capacidade de transpor mundos, representava a voz do inconsciente, a profundidade que eu buscava, a sabedoria de que nem tudo precisa ser compreendido pela lógica.

Naquele toque, entendi que a “comida de baleia” não era apenas plâncton, mas a própria curiosidade, a busca incessante, a capacidade de maravilhar-se com o inexplicável. Aqueles pequenos seres que nutriam o gigante eram as sementes da minha própria inquietação, as perguntas que me levaram da familiaridade do lar à vastidão da biblioteca. A baleia, ao encolher e entrar pela janela, não se diminuiu: ela me convidou a expandir minha própria percepção, a ver o extraordinário no ordinário, a reconhecer a magia que reside nos limiares.

Esse evento redefiniu minha percepção do mundo. A familiaridade aconchegante do restaurante, antes vista com um toque de melancolia, ganhou uma nova camada de profundidade. Percebi que existem portas para o desconhecido mesmo nos espaços mais comuns e previsíveis, e que a vida é repleta de mistérios esperando para serem descobertos. Meu caminho, que antes parecia uma busca por respostas em livros, transformou-se em uma jornada de aceitação do mistério, de acolhimento ao que não pode ser explicado, mas pode ser sentido.

A baleia permaneceu ali por um tempo imensurável, sua respiração suave ecoando no silêncio da biblioteca. Quando se moveu novamente, deslizando para fora pela janela de arco por onde entrou, seu tamanho se restaurou com a mesma fluidez mágica com que havia diminuído. Ela mergulhou nas águas escuras, deixando para trás não um vazio, mas uma sensação de plenitude.

Não contei a ninguém sobre a baleia. Como poderia? As palavras seriam insuficientes para descrever a maciez de sua pele, a profundidade de seu olhar, a magia de sua transformação. Aquele encontro se tornou um segredo guardado no meu coração, uma bússola interna que me guiava. A partir daquele dia, a melancolia do “já vai acabar” deu lugar à excitação do “o que mais pode acontecer?”. O mundo se abriu, e aprendi a buscar as portas secretas, os rios ocultos e a comida de baleia que nutre os sonhos, sabendo que a maior sabedoria reside em tocar o inexplicável.



## ENTRE O SONHO E A HERANÇA

A rua era um labirinto de paralelepípedos úmidos, um trecho desconhecido em uma cidade que eu julgava conhecer como a palma da minha mão. Próxima ao burburinho familiar do centro, mas estranhamente isolada, ela me conduzia por entre muros altos e árvores frondosas que pareciam guardar segredos antigos. O ar estava pesado com o cheiro de terra molhada e folhas em decomposição, e um silêncio incomum pairava, quebrando a sinfonia urbana.

Foi então que a vi. Escondida atrás de uma cortina de hera e arbustos selvagens, erguia-se uma casa vitoriana, imponente e melancólica. Suas torres pontiagudas arranhavam o céu cinzento, as janelas em arco eram olhos vazios e empoeirados, a madeira escura da fachada parecia gemer sob o peso dos anos. Parecia abandonada há décadas, um fantasma arquitetônico de uma era esquecida. O portão de ferro forjado, enferrujado e entreaberto, convidava a um terreno vasto e desordenado, onde a vegetação crescia sem freios, engolindo caminhos e canteiros. Ao longe, através da folhagem densa, um vislumbre prateado: um lago espelhando o céu nublado.

Uma onda de familiaridade me atingiu, tão súbita quanto inexplicável. Não era um reconhecimento lógico, mas uma ressonância profunda, como se cada tijolo daquela casa, cada galho retorcido daquele jardim estivesse gravado em minha memória mais íntima. Eu nunca estivera ali, disso tinha certeza, mas a sensação era de retorno, de reencontro com algo há muito perdido. Meus pés pareciam ter um destino próprio, e me vi parada diante do portão, a mão estendida, quase tocando o ferro frio.

E então, a realidade começou a se desfazer. O portão enferrujado se transformou em um portal, fazendo da casa abandonada um palácio vibrante. Meus olhos, ainda fixos na fachada em ruínas, começaram a ver através dela. Eu estava lá dentro. O ar frio da rua deu lugar a um calor

suave, e o cheiro de mofo foi substituído por uma fragrância delicada de flores e cera de abelha. O interior era grandioso, um labirinto de corredores e escadarias suntuosas. Meus passos ecoavam em um piso de mármore polido, e a luz dourada de lustres de cristal banhava as paredes adornadas com tapeçarias e retratos antigos.

Cheguei a um salão, vasto e circular, que só poderia ser um salão de festas. O teto alto era um afresco de anjos e nuvens, e as janelas longas e arqueadas revelavam um jardim impecável, onde o lago brilhava sob um sol que não existia na rua lá fora. A música começou a tocar, uma melodia de valsa que parecia vir de todos os cantos e de lugar nenhum. E eu estava lá, não mais com minhas roupas de caminhada, mas vestida em um longo e amplo vestido de seda azul-noite, a saia esvoaçando a cada movimento. Meus cabelos estavam presos em um coque elegante, e um sorriso leve brincava em meus lábios.

Eu dançava. Não sozinha, mas em um abraço invisível, girando e rodopiando pelo salão, sentindo o tecido do vestido roçar minhas pernas, o ritmo da música pulsando em minhas veias. As risadas e os sussurros de convidados fantasmas preenchem o espaço, e eu era parte daquele baile, parte daquela alegria, uma figura etérea em um passado que nunca vivi, mas que parecia ser meu. Cada passo, cada giro era um eco de uma memória que não me pertencia, mas que me envolvia por completo.

A visão era tão vívida, tão real, que o som de um carro passando na rua me sobressaltou. O salão de festas se desfez como fumaça, o vestido azul se transformou novamente em minhas roupas cotidianas, e o lago ensolarado deu lugar ao vislumbre cinzento através da folhagem. Eu estava de volta, parada diante do portão enferrujado, o coração ainda acelerado, o corpo ainda sentindo a leve tontura da dança. A casa vitoriana me observava, silenciosa e enigmática, guardando seus segredos. Mas agora eu sabia que ela guardava um pedaço de mim, ou de quem eu poderia ter sido, em seus salões empoeirados, e a familiaridade não era mais uma sensação estranha, mas uma promessa sussurrada de um retorno que, talvez, algum dia eu pudesse cumprir.

A promessa sussurrada da casa vitoriana não me abandonou. Nos dias que se seguiram, a imagem do salão de festas, o toque do vestido azul-noite e o ritmo da valsa ecoavam em minha mente, sobrepondo-se à

rotina. Eu me pegava distraída, olhando para o nada, tentando recapturar a sensação da dança. A familiaridade, antes um arrepio de estranheza, transformara-se em um anseio profundo, uma sede por desvendar o que aquela casa guardava.

Não demorou para que a curiosidade se tornasse uma obsessão gentil. Passei horas em bibliotecas e arquivos digitais, pesquisando sobre a história daquela rua, daquela região. Mapas antigos revelaram a existência de uma grande propriedade rural nos arredores do centro, que, com o tempo, fora engolida pela expansão urbana. Registros de propriedade mencionavam a “Mansão Madeira Negra”, construída por uma família de comerciantes abastados no final do século XIX, conhecida por seus bailes e saraus grandiosos. O nome e a descrição da casa eram idênticos, até mesmo o lago, chamado de “Lago dos Cisnes”.

Uma tarde, ao folhear um álbum de fotografias antigas em um pequeno antiquário, meus olhos foram atraídos por uma imagem sépia. Era a Mansão Madeira Negra em seus tempos áureos, com o portão de ferro forjado reluzente e o jardim impecável. Mas o que me prendeu foi a figura de uma jovem mulher, de perfil, na varanda. Ela usava um vestido longo e esvoaçante, e seus cabelos escuros estavam presos em um coque elegante. Embora a imagem estivesse desgastada, havia algo em sua postura, na curva de seu pescoço, que me fez prender a respiração. Era a mesma mulher que eu havia sido em meu devaneio.

A descoberta acendeu uma chama em mim. Não era apenas um sonho; havia uma raiz, uma história real por trás daquela visão. A promessa de retorno que a casa me sussurrara era mais do que uma fantasia: era um convite. Na manhã seguinte, sem hesitação, retornei àquela rua. Dessa vez o sol, filtrado pelas árvores, lançava sombras dançantes sobre a fachada da mansão, e o portão, ainda entreaberto, parecia me chamar. Respirei fundo, sentindo o mesmo ar pesado, mas agora com uma nova determinação. Eu não era mais uma observadora; era parte da história que estava prestes a se desdobrar. Empurrei o portão enferrujado, que rangeu em um lamento antigo, abrindo caminho para o terreno vasto e esquecido, onde a vegetação selvagem aguardava, como guardiã de segredos. Assim que entrei, o portão estranhamente voltou a se fechar. Cada passo em direção à porta principal era um eco da valsa, um reencontro com a jovem de sépia, um mergulho mais profundo no salão esquecido.

O portão de ferro forjado gemeu novamente, um som arrastado e melancólico que pareceu perfurar o silêncio pesado do jardim. Cada passo sobre o caminho coberto de musgo e folhas secas era acompanhado por um farfalhar suave. A vegetação, antes vista como uma cortina, agora se revelava um labirinto selvagem de arbustos espinhosos e árvores retorcidas. O vislumbre prateado do lago, agora mais próximo, parecia um olho turvo observando minha intrusão. O ar estava mais frio ali dentro, denso, com o cheiro de umidade e a doçura quase esquecida de flores que há muito haviam murchado.

A casa, vista de perto, era ainda mais imponente e desoladora. As paredes de pedra escura estavam manchadas pelo tempo, e a hera subia implacável, abraçando as janelas como garras verdes. O pó e as teias de aranha cobriam cada ornamento. A porta principal, de madeira maciça, estava entreaberta, revelando uma fresta de escuridão que parecia sugar a luz do dia. Minha mão hesitou por um instante, o coração batendo forte. Empurrei a porta, que cedeu com um rangido que ecoou pelos corredores vazios, um convite e um aviso.

O interior era um santuário de poeira e sombras. A luz que entrava pelas janelas era fraca e difusa, revelando partículas que dançavam no ar estagnado. O cheiro de mofo era forte, mas por baixo dele eu podia sentir um resquício daquela fragrância delicada de flores e cera de abelha do meu sonho. O mármore polido do hall de entrada estava opaco e coberto por uma fina camada de sujeira, mas a grandiosidade ainda era palpável. As escadarias suntuosas, com seus corrimãos entalhados, subiam em espiral para o andar de cima, perdendo-se na penumbra. As paredes, antes adornadas com tapeçarias e retratos, agora exibiam apenas manchas escuras.

Meus passos, desta vez, não ecoavam em um piso reluzente, mas abafados pelo tapete de poeira. Eu não estava mais dançando, mas caminhando com cautela, sentindo a presença silenciosa de uma história congelada no tempo. Cada porta que eu atravessava parecia guardar um segredo; cada sombra, um fantasma. Eu me movia como em transe, guiada por uma memória que não era minha, mas que me chamava.

Finalmente cheguei ao que reconheci como o vasto salão de festas. Não havia música, nem risadas, nem a luz dourada dos lustres de cristal.

O teto alto, antes um afresco de anjos e nuvens, estava escurecido, as cores desbotadas e rachadas. As janelas longas e arqueadas, que no sonho revelavam um jardim impecável e um lago brilhante, agora mostravam apenas a densa folhagem do lado de fora, quase bloqueando a luz. O chão onde eu havia dançado em meu delírio estava coberto por escombros, pedaços de gesso caídos e folhas secas.

Mas, apesar da decadência, a essência do salão ainda estava lá. No centro, onde eu me vira girando, havia uma mancha mais clara no chão. Ali, em um canto, quase escondido sob uma pilha de entulhos, algo brilhou. Era um pequeno broche de prata em forma de cisne com uma pedra azul-noite incrustada. Pegueio, sentindo o metal frio em meus dedos. A pedra, embora empoeirada, parecia capturar a pouca luz que havia no salão, cintilando com a mesma cor do vestido que eu havia usado em meu sonho.

Ao tocar o broche, uma onda de sensações me invadiu, mais forte e mais real do que antes. Não eram apenas imagens; era um sentimento de perda, de alegria, de uma vida inteira vivida naqueles salões. Eu não estava mais apenas vendo; estava sentindo. E então, uma voz, suave como um sussurro de seda, ressoou em minha mente:

— Você voltou!

Não era uma audição com os ouvidos, mas uma percepção tão nítida, que fez cada fibra do meu ser vibrar. O broche de cisne em minha mão pulsava com uma energia fria, e a pedra azul-noite sugava toda a luz que restava no salão, transformando-a em uma escuridão cintilante.

De repente, o salão em ruínas começou a girar, não fisicamente, mas como se as camadas de tempo estivessem sendo arrancadas. A poeira, os escombros, as teias de aranha: tudo se desfez em um turbilhão de cores e sensações. O cheiro de mofo deu lugar à fragrância delicada de flores e cera de abelha, agora mais intensa, quase inebriante. A luz dourada dos lustres de cristal que eu havia imaginado irrompeu do teto, banhando o salão em um brilho quente e acolhedor.

Eu estava de volta. Não como uma observadora distante, mas dentro daquele momento. O broche de cisne em minha mão se transformou em um acessório elegante preso ao meu peito, sobre o tecido macio de um vestido azul-noite. Meus cabelos estavam presos em um coque elegante, e

um sorriso leve brincava em meus lábios. A música da valsa, antes um eco distante, agora preenchia o ar com sua melodia vibrante.

E eu dançava. Não sozinha, mas nos braços de um homem cuja presença era tão real quanto a minha. Seus olhos, de um castanho profundo, fitavam-me com uma ternura que me era estranhamente familiar. As risadas e os sussurros de convidados fantasmas preenchiam o espaço, e eu era parte daquele baile, parte daquela alegria. Eu sentia o calor de sua mão em minha cintura, o ritmo de seu coração contra meu peito, a leveza de sua respiração em meu cabelo. Era uma felicidade avassaladora, uma sensação de pertencimento que transcendia o tempo e a lógica.

A visão era tão vívida, tão real, que o som de um estalo vindo de algum lugar no salão me sobressaltou. O broche em meu peito pareceu queimar, e a cena se estilhaçou como um espelho. O homem desapareceu, a música silenciou, e a luz dourada se apagou, sendo substituída pela penumbra do salão em ruínas. Eu estava de volta, parada no mesmo lugar, o broche de prata frio em minha mão, o coração ainda disparado, a tontura e a ausência do toque ainda sentidas pelo corpo.

O estalo que me trouxe de volta parecia ter vindo de uma das janelas. Olhei em direção ao som e percebi que uma das venezianas de madeira, que antes estava fechada e coberta de hera, agora estava ligeiramente aberta, revelando uma fresta para o exterior. Através dela, pude ver o lago, que agora brilhava sob o sol da tarde que enfim conseguia romper as nuvens. Na beira do lago, algo se movia. Uma sombra esguia, quase indistinguível entre as árvores, parecia observar a casa – e talvez a mim. A sombra no lago, no entanto, adicionava uma nova camada de mistério, uma sensação de que eu não estava sozinha em minha busca pelo passado da Mansão Madeira Negra.

A voz sussurrante em minha mente e o broche frio em minha mão eram âncoras na realidade, mas a imagem da sombra à beira do lago era um farol me puxando para fora do torpor. A promessa de um retorno, antes uma melodia distante, agora se tornava um chamado urgente. Quem era aquela figura? Um guardião dos segredos da Mansão Madeira Negra? Ou talvez um elo perdido com o passado que eu parecia estar desenterrando?

Sem hesitar, virei-me e saí do salão em ruínas. A poeira parecia se levantar em protesto a cada passo apressado. Atravessei o hall de entrada e

saí para o jardim. O ar fresco, antes carregado de umidade e cheiro de terra, agora parecia ter um toque de urgência, um convite para a perseguição.

O caminho até o lago era um desafio. A vegetação selvagem era agora uma barreira densa e intransponível de galhos espinhosos que arranhavam minhas roupas e minha pele e raízes retorcidas que ameaçavam tropeços a cada passo. Mas eu estava determinada. A imagem da sombra, a voz em minha mente e a sensação do broche em minha mão me impulsionavam para frente.

A cada avanço, o vislumbre do lago se tornava mais claro. A luz do sol da tarde fazia a superfície da água cintilar, fazendo do “Lago dos Cisnes” um espelho turvo. Finalmente, rompi a barreira final de arbustos e me vi à beira do lago. O ar ali era mais úmido, e o cheiro de água doce e lírios aquáticos pairava. Meus olhos varreram a margem, procurando a sombra que eu havia visto, mas não havia ninguém, apenas o balançar suave dos juncos e o canto distante de um pássaro. A figura havia desaparecido, como um fantasma que se dissolve na luz do dia.

Um breve desapontamento me atingiu, mas logo foi substituído por uma nova onda de curiosidade. A sombra havia sumido, mas sua presença havia deixado uma marca. Meus olhos se fixaram na água. No centro do lago, onde a luz do sol batia mais forte, algo flutuava. Era pequeno, escuro e parecia estar preso a um galho submerso.

Com cautela, aproximei-me da margem. Meus dedos tocaram algo macio e úmido. Puxei-o para fora da água, e o que emergiu era um lenço de seda, de um azul profundo, quase idêntico à cor da pedra do broche em minha mão e do vestido do meu sonho. No canto, bordado com fios de prata, havia um pequeno cisne.

O lenço, molhado e frio, parecia vibrar em minhas mãos. Não era um objeto qualquer: era uma pista, uma conexão tangível com o passado da Mansão Madeira Negra – e talvez com a própria sombra. A familiaridade que a casa me insinuara agora se manifestava em um objeto concreto, um elo entre o sonho e a realidade. Quem o havia deixado ali? E por quê?

Meus olhos se desviaram do lago e se fixaram na silhueta imponente da Mansão Madeira Negra. Se a sombra não estava mais ali, talvez a resposta estivesse na casa, em algum canto esquecido que o lenço pudesse revelar. O que antes era uma sensação etérea agora se manifestava como

uma intuição aguçada, um fio invisível que parecia me puxar de volta para dentro.

O retorno pelo jardim selvagem foi mais rápido, impulsionado por uma nova urgência. Eu não estava mais explorando; estava buscando. A porta principal me aguardava como um portal para a verdade. De volta ao hall de entrada, o cheiro de mofo e a penumbra eram os mesmos, mas minha percepção havia mudado. O salão de festas parecia agora um palco vazio aguardando o próximo ato. Meus olhos varreram as paredes e as escadarias à procura de algo que o lenço pudesse indicar. O broche de cisne em meu peito parecia aquecer, e o tecido em minha mão, embora ainda úmido, parecia vibrar.

Foi então que notei. No alto da escadaria principal, havia uma pequena porta, quase imperceptível, disfarçada na ornamentação da parede. Ela não havia chamado minha atenção antes, mas agora a intuição me puxava para ela. Subi os degraus com um misto de apreensão e excitação, a madeira rangendo sob meus pés. Ao alcançar o patamar, estendi a mão para a porta. Era de madeira escura, sem maçaneta visível, apenas um pequeno entalhe em forma de folha. Pressionei o entalhe e, com um clique suave, a porta se abriu para um corredor estreito e escuro.

O ar ali era ainda mais estagnado, pesado, com cheiro de papel antigo e lavanda. A luz que entrava do hall era mínima, mas o suficiente para revelar uma série de portas menores. O lenço em minha mão pareceu guiar-me, e meus olhos foram atraídos para a última porta à direita, onde havia uma pequena placa de porcelana, quase ilegível sob a poeira. Limpei-a com a ponta do lenço, revelando a palavra francesa “Boudoir”, que indica um quarto privado de uma senhora. A maçaneta de bronze envelhecido estava fria ao meu toque. Girei-a, e a porta se abriu com um rangido suave, revelando um cômodo que, apesar do tempo e do abandono, ainda exalava uma aura de feminilidade e mistério.

A luz que entrava por uma janela em arco revelava um espelho de corpo inteiro, um toucador com frascos de perfume vazios e um divã coberto por um lençol empoeirado. Mas o que realmente prendeu minha atenção foi uma pequena escrivaninha de mogno. Sobre ela, entre pilhas de papéis amarelados e um tinteiro seco, repousava um diário de capa de couro com um pequeno cisne prateado gravado. O lenço em minha mão

parecia vibrar com mais intensidade, e o broche em meu peito parecia queimar. Ali, naquele boudoir esquecido, eu sabia que encontraria as respostas.

Abri o diário com reverência, sentindo o cheiro doce e terroso de papel envelhecido. A caligrafia era elegante, fluida, e as primeiras páginas confirmaram o que eu já pressentia. “Isadora Madeira Negra”, lia-se em uma das primeiras entradas, datada de 1888. Era ela. A mulher da fotografia, a dançarina do meu sonho, a alma que parecia ter me chamado àquela casa.

As palavras de Isadora fluíam como um rio, transportando-me para um tempo de bailes e risadas, de amores e perdas. Ela descrevia a Mansão Madeira Negra com uma paixão que eu reconhecia. Falava dos saraus grandiosos, da música que preenchia o salão de festas, da alegria de girar nos braços de seu amado, um homem chamado José Augusto, cujo nome surgia repetidamente nas páginas, sempre acompanhado de suspiros e declarações de amor eterno.

A história da Mansão Madeira Negra se desdobrava através de seus olhos. Era um lar vibrante, cheio de vida, de arte, de música. Isadora era a anfitriã perfeita, e José Augusto, seu companheiro leal. Eles se conheceram em um baile, dançaram a noite toda no grande salão, e o amor floresceu ali. O diário narrava a construção de um pequeno gazebo à beira do lago, o local secreto de seus encontros e de suas promessas. O lago, para ela, não era apenas uma paisagem, mas um confidente.

À medida que as páginas avançavam, porém, o tom mudava. Uma melancolia sutil começou a se infiltrar nas palavras de Isadora. As entradas se tornaram mais espaçadas e a caligrafia, por vezes, tremida. Ela começou a descrever uma doença misteriosa que acometeu José Augusto, uma febre que o consumia lentamente. O salão de festas silenciou, os bailes cessaram, e a alegria da casa se esvaiu. Isadora dedicou-se a cuidar de seu marido, mas a doença era implacável.

Então, a revelação que fez meu coração apertar. Em uma entrada datada de 1895, Isadora escreveu sobre a perda de José Augusto. Ele havia falecido e, com ele, uma parte dela também se fora. A casa se tornou um túmulo; o jardim, um memorial. Ela descrevia suas longas caminhadas até o gazebo à beira do lago, onde passava horas, conversando com o vento,

com a água, com a memória de seu amado. Falava de uma promessa que fizeram um ao outro: mesmo após a morte, seus espíritos permaneceriam conectados àquele lugar, e um dia eles se reencontrariam. Ela havia deixado o lenço azul, um presente de José Augusto, no gazebo, como um sinal, uma oferta para que seu espírito pudesse tocá-lo.

A última entrada era um lamento, uma despedida. Isadora, já idosa e fragilizada, escrevia sobre sua própria partida iminente. Ela expressava a esperança de que, um dia, alguém encontrasse seu diário, compreendesse sua história e sentisse a presença dos amantes que viveram e amaram naquela casa. Em uma frase final, quase um sussurro no papel: “Que a alma que ler estas palavras sinta o eco de nosso amor e saiba que o ciclo se completa. Que o cisne encontre seu par novamente.”

Fechei o diário, o broche de cisne em meu peito parecendo agora uma extensão do meu próprio ser. As revelações eram avassaladoras. Eu não estava apenas revisitando um sonho; estava desenterrando uma história. A familiaridade, a dança, o vestido azul-noite: tudo se encaixava. E a sombra no lago... era José Augusto. O espírito de José Augusto esperando por Isadora e, de alguma forma, esperando por alguém.

A frase final de Isadora, “que o cisne encontre seu par novamente”, ressoava em minha alma, mas agora com uma nova interpretação. Não era sobre reencarnação, mas sobre um legado, um elo de sangue. De repente, uma imagem me veio à mente: uma fotografia antiga na casa de minha avó, uma mulher com um broche de cisne quase idêntico, e um sobrenome que eu nunca havia associado a nada além de uma distante árvore genealógica: Madeira Negra. Uma tia-avó de minha avó, que havia se mudado para “longe” e da qual pouco se falava. O eco não era de uma vida passada, mas de uma linhagem, uma herança familiar que me ligava diretamente àquela história, àquela casa, àquela promessa.

Eu não era Isadora, mas era dela. Uma descendente, talvez a única que ainda carregava o sangue e, aparentemente, a sensibilidade para sentir o chamado da Mansão Madeira Negra. Meu retorno não era uma coincidência, mas um destino traçado por gerações, um ciclo que, de alguma forma, eu estava destinada a completar. Mais do que segredos, a casa não guardava uma promessa familiar, um reencontro que agora dependia de mim.

Com o diário de Isadora em minhas mãos e o broche de cisne em meu peito pulsando com uma energia que parecia canalizar gerações de espera, não havia mais espaço para hesitação. A Mansão Madeira Negra, antes um enigma, agora era um santuário de memórias, e eu era a guardiã inesperada de uma promessa centenária. A frase “que o cisne encontre seu par novamente” ecoava em minha mente não como um sussurro de um sonho, mas como um comando ancestral. José Augusto estava à beira do lago, e eu, sua descendente, a última Madeira Negra a sentir o chamado, tinha a responsabilidade de honrar a promessa e enfim trazer paz aos amantes.

Deixei o boudoir, segurando cuidadosamente o diário e desci as escadarias rangentes. A casa parecia diferente agora, menos assombrada e mais expectante. Cada tábuia que gemia sob meus pés, cada fresta de luz que se infiltrava pelas janelas empoeiradas, parecia me guiar. O cheiro de mofo ainda estava presente, mas misturava-se com ele uma essência de lavanda e cera de abelha, como se o espírito de Isadora estivesse me acompanhando, aprovando cada passo.

Atravessei o hall principal e saí para o jardim. O sol da tarde começava a se inclinar para o horizonte, pintando o céu com tons de laranja e roxo. O caminho até o lago, antes uma batalha contra a vegetação selvagem, agora parecia se abrir diante de mim. Os galhos espinhosos se afastavam, as raízes retorcidas não mais me ameaçavam. Era como se a própria natureza, cúmplice daquela história de amor, estivesse facilitando meu trajeto.

Cheguei à beira do Lago dos Cisnes. O ar estava calmo, e a superfície da água, um espelho perfeito que refletia o céu crepuscular. O gazebo que Isadora descrevera em seu diário como o local secreto de seus encontros estava em ruínas, mas sua estrutura ainda se mantinha, uma silhueta melancólica contra o pôr do sol. Meus olhos varreram a margem procurando a sombra, a figura esguia que eu havia visto antes.

E ali estava. Não tão nítida quanto antes, mas uma presença inegável, uma distorção no ar, uma figura quase transparente que parecia emanar uma tristeza profunda, mas também uma paciência infinita. José Augusto. Ele estava de pé, exatamente onde Isadora o vira tantas vezes, olhando para a casa, esperando.

Meu coração batia forte, não de medo, e sim de uma emoção que parecia transcender o tempo. Aproximei-me, o broche de cisne em meu peito irradiando um calor suave. Parei a poucos metros da figura, sentindo o ar ficar mais denso, mais frio, mas sem hostilidade.

— José Augusto — sussurrei, e a voz parecia não ser inteiramente minha, mas um eco de Isadora.

A sombra estremeceu, virando-se lentamente para mim. Seus olhos, ou o que eu percebia como olhos, eram de um castanho profundo, como Isadora os descrevera, cheios de uma ternura que me era estranhamente familiar.

Abri o diário de Isadora na página final, onde ela expressava sua esperança de que alguém encontrasse suas palavras e sentisse o eco de seu amor. Comecei a ler em voz alta, a voz embargada pela emoção, mas firme na determinação de cumprir a promessa. Li sobre a certeza do reencontro, sobre o amor que os unia, sobre a espera. Finalmente, cheguei à última frase: “Que a alma que ler estas palavras sinta o eco de nosso amor e saiba que o ciclo se completa. Que o cisne encontre seu par novamente”.

Ao proferir as últimas palavras, o broche em meu peito brilhou intensamente, e o lenço azul, que eu havia deixado no diário, pareceu flutuar para fora das páginas. Ele pairou no ar por um instante e então, como guiado por uma mão invisível, moveu-se em direção à sombra de José Augusto.

Quando o lenço tocou a figura, uma luz suave, quase etérea, irradiou dela. Diante dessa imagem, pensei na promessa de reencontro cumprida nesse instante. A tristeza em sua postura pareceu se dissipar, substituída por uma paz profunda. A sombra, antes esguia e melancólica, começou a se tornar, por um breve momento, mais definida, mais real. E então, para minha surpresa, outra luz surgiu, vinda da Mansão Madeira Negra, uma luz azul-noite que se movia rapidamente pelo jardim, em direção ao lago.

Era Isadora. Não uma sombra, mas uma essência luminosa, um brilho que carregava a mesma cor do vestido de seda com a qual eu havia sonhado. Ela se aproximou de José Augusto, e as duas luzes se encontraram à beira do lago. Não houve palavras, apenas um abraço de luz, um reencontro que transcendia a matéria e o tempo. O lenço azul, que havia sido o elo, agora se dissolveu no brilho do abraço.

A sensação de paz que emanou daquele reencontro foi avassaladora, preenchendo o ar e o meu próprio ser. O ciclo estava completo. Os amantes da Mansão Madeira Negra finalmente tinham se reencontrado. A luz começou a diminuir, e as duas figuras luminosas, entrelaçadas, elevaram-se suavemente, como fumaça prateada, e se dissolveram no céu crepuscular, deixando para trás apenas a brisa suave e o cheiro de lavanda.

Eu estava sozinha novamente à beira do Lago dos Cisnes, o diário de Isadora em minhas mãos, o broche de cisne em meu peito, o coração transbordando de uma emoção indescritível. A Mansão Madeira Negra, ao longe, parecia respirar aliviada, seu silêncio agora não mais pesado de segredos, mas de uma paz recém-encontrada.

A emoção era avassaladora, uma mistura de alívio, tristeza e uma profunda sensação de propósito. Sentei-me na grama úmida, o olhar fixo no ponto onde a luz se dissipara. O sol já havia se posto, e a escuridão começava a envolver o jardim, mas uma estrela solitária brilhava no céu, como um lembrete da eternidade.

Foi então que a explicação do meu próprio papel nessa história se solidificou em minha mente. A imagem da fotografia na casa de minha avó, a mulher com o broche de cisne quase idêntico, o sobrenome “Madeira Negra” que eu havia associado a uma tia-avó distante. Tudo se encaixava.

Não era coincidência nem fruto da imaginação. Havia um fio invisível conectando aquela casa, os sonhos que me envolviam e a história da minha própria família. As peças de um quebra-cabeça ancestral começaram a se alinhar em minha mente: o broche de cisne era mais do que mero acessório antigo, e a mulher da fotografia – com sua presença elegante e um olhar que parecia reconhecer algo em mim – não era uma estranha distante. Aos poucos, memórias de conversas soltas com minha avó começaram a vir à tona. Lembrei-me de menções ocasionais a Isadora, uma figura envolta em mistério e citada com certo tom de saudade. Mas era uma imagem perdida à beira da memória coletiva da família, esquecida entre gerações que evitaram revisitar o passado daquela mansão.

Eu me vi unindo os pontos entre a linhagem da família e aquela casa enigmática. Descobri que não era mera curiosidade que me guiava – era um chamado. A mansão e sua promessa ancestral estavam conectadas a

mim, por meio de histórias e objetos passados adiante, guardando o eco de Isadora e seu mundo. E, finalmente, a resposta completa emergiu.

Minha avó, Maria, era neta de Clarice, a irmã mais nova de Isadora Madeira Negra. Clarice, ao contrário de Isadora, que permaneceu na mansão após a morte do marido, casou-se e mudou-se para outra cidade, carregando consigo algumas poucas lembranças da casa da família, entre elas uma réplica do broche de cisne que Isadora tanto amava e que havia sido um presente de José Augusto para as irmãs. Clarice, por sua vez, teve uma filha, minha bisavó, que se casou e adotou o sobrenome do marido, rompendo a linhagem direta dos “Madeira Negra” em nossa parte da família. Minha avó cresceu ouvindo histórias vagas sobre a “Mansão da Tia Isadora”, uma casa grande e antiga que havia sido abandonada, mas nunca soube dos detalhes trágicos e românticos que eu acabara de desvendar.

Eu não era Isadora reencarnada, mas seu eco vivo, seu sangue correndo em minhas veias, a última a sentir a ressonância de uma promessa familiar. A familiaridade que me atingira na rua, os devaneios, o sonho vívido. Não era só imaginação, era uma herança sensorial, um chamado de uma ancestral que, de alguma forma, sabia que eu viria. O ciclo que Isadora mencionou em seu diário não era apenas o reencontro dela com José Augusto, mas a minha própria jornada para desvendar e honrar essa história, para trazer paz aos que esperavam.

Levantei-me sentindo o peso do diário e o calor do broche. A Mansão Madeira Negra não era mais um fantasma arquitetônico, mas um elo tangível com meu passado, uma parte da minha própria história que eu acabara de descobrir. Não poderia simplesmente abandoná-la outra vez.

Nos dias que se seguiram, a Mansão Madeira Negra deixou de ser um segredo. Com o diário de Isadora como guia e a ajuda de historiadores locais, comecei a desvendar os detalhes da propriedade, a organizar a documentação e a buscar formas de restaurar a casa, não para transformá-la em um museu, mas para lhe devolver a vida, para que os ecos de Isadora e José Augusto pudessem ser lembrados como uma bela história de amor.

O salão de festas, um dia em ruínas, seria restaurado, talvez para abrigar eventos culturais, para que a música e as risadas pudessem preenchê-lo novamente. O jardim selvagem seria cuidado, mas com

respeito à natureza que o havia reclamado, e o gazebo à beira do Lago dos Cisnes seria reconstruído, um memorial à promessa cumprida.

Eu não tinha o sobrenome Madeira Negra, mas carregava sua história, seu legado. A rua que eu julgava conhecer como a palma da minha mão, e que me levava a um labirinto desconhecido, havia me conduzido ao meu próprio passado, à minha própria identidade. Ali, entre as paredes da Mansão Madeira Negra, eu sabia que encontraria meu lugar no mundo, honrando o eco de um amor eterno e a promessa de um retorno que, para mim, havia apenas começado.



## O QUARTO QUE GUARDOU O TEMPO

**E**u morava em uma cidadezinha do interior, numa região litorânea, onde o mar existia mais como promessa do que como presença. A brisa salgada às vezes chegava fraca, misturada ao cheiro de capim e esterco, mas os costumes dali eram de gado e roça, e não de peixe e rede. As conversas falavam de chuva, de safra, de bezerro nascido torto, e não de maré.

O ano andava perto do começo do século, por volta de 1925, e eu tinha uns vinte anos. Minha vida era simples, pesada e previsível: a lida na roça, o cuidado com o gado e, quando a necessidade apertava, o serviço que mais cansava o corpo e a alma: carnear.

Como não havia forma de refrigeração, quando eu pretendia matar um boi, precisava primeiro garantir a venda dele na íntegra. Não era possível pensar em “guardar para depois”, a carne tinha de ser consumida no mesmo dia ou logo virar pedaço na cozinha alheia antes que o tempo começasse a roubar seu frescor. Não havia gelo nem qualquer trégua contra o calor que prepara a carne para os bichos antes mesmo de ela chegar aos pratos. Assim, eu combinava com vizinhos, repartia o boi ainda no pensamento, detalhando quem ficaria com o quê, até que tudo estivesse destinado e nenhuma sobra fosse ameaçada pela passagem das horas. Só então vinha o trabalho bruto: sangue, couro, ossos, o peso todo do animal vencido pela faca e pela necessidade.

E o pagamento... quase nunca era em dinheiro. Poucos tinham dinheiro vivo. Na maior parte das vezes, recebia em troca farinha, arroz, feijão e outras coisas que eu mesmo não plantava. Assim, a carne virava comida nas casas alheias e, em retorno, eu trazia para a minha o que sustentava a família.

Naquela semana, porém, veio mais trabalho do que o habitual. Ao

invés de carnear um boi, foram dois. E isso não era só “o dobro”. Era um cansaço diferente, um cansaço que entra nos braços e parece que fica morando nas juntas. No domingo à tarde eu estava tão moído, que me senti velho antes da hora. A casa tinha vozes, cheiro de comida, movimento de família – mas eu só conseguia ouvir o próprio sangue batendo no ouvido.

Então, avisei:

— Vou dormir um pouquinho. Só uma hora.

Minha família concordou com aquela naturalidade de quem conhece o peso da semana. Fui para o quarto, fechei a janela para a luz não atrapalhar o sono e me deitei. A cama me puxou como se tivesse mãos. E eu caí.

Não lembro de sonho. Lembro apenas de um escuro macio, sem imagem, sem nome. Um descanso que parecia limpo, sem pensamento.

Quando acordei, senti que tinha sido apenas uma hora. Aquela certeza simples: o corpo tinha afundado e voltou à tona. Eu me sentei na cama, me espreguicei, esfreguei o rosto. Então me levantei e abri a porta do quarto. E o que se seguiu foi inacreditável.

Minha casa não era mais a casa que eu conhecia há anos. Os móveis eram diferentes. As cores eram outras. O ar... o ar tinha um frio que não vinha de vento nem de sombra. A madeira não rangia como antes. O silêncio tinha um tipo de acabamento, como se alguém tivesse lixado o mundo. Chamei:

— Mãe? Pai?

Ninguém respondeu.

Atravessar a sala foi como atravessar um lugar que se parece com o seu, mas não pertence mais a você. Onde deveria estar o oratório havia um retângulo escuro pendurado na parede. E, quando cheguei perto, ele acendeu sozinho, mostrando uma imagem que falava, com uma voz vinda de dentro dele. Recuei como se fosse fogo.

Corri à cozinha buscando a certeza do fogão a lenha, da panela, do cheiro familiar. Não havia fogão. Não havia lenha. Havia uma bancada lisa e um caixote alto que, ao abrir, soltou um bafô gelado, como se guardasse o inverno. Fecheio num golpe, com o coração batendo tão forte, que parecia não caber dentro de mim ou daquele quarto pequeno, abafado pelo turbilhão do que eu sentia. Fui até a porta da frente. Abri.

Lá fora, o mundo estava errado. A rua de chão batido sumira. No

lugar dela havia um caminho escuro e duro. Passavam carros sem cavalo, muitos, rápidos, alguns tão silenciosos, que pareciam só deslizar pelo ar. Vi postes, fios, luzes mesmo de dia. Casas conhecidas não existiam mais. Havia construções altas, quadradas, com vidros que refletiam o sol. E as pessoas... Elas vestiam roupas que pareciam de outro tecido, de outra época, de outro pensamento. Andavam segurando objetos pequenos que brilhavam nas mãos, falando sozinhas como se carregassem alguém invisível dentro da palma.

Olhei em volta esperando reconhecer ao menos o contorno das coisas. Mas era como se eu tivesse sido acordado dentro de uma cidade construída por estranhos em cima da minha. E, então, eu vi minha casa por fora. Ela estava ali, mas, ao mesmo tempo, não estava. Era como se um pedaço do ano de 1925 tivesse sido empurrado para dentro do amanhã e esquecido em pé. Só que não havia campo ao redor, não havia quintal respirando. Havia paredes diferentes, uma casa colada na outra e prédios adiante. A minha casa antiga parecia uma pessoa idosa no meio de uma multidão apressada: presente, mas deslocada; viva, mas sem lugar. A garganta apertou. Não pela visão do diferente, mas pela sensação brutal do que faltava. Não havia ninguém da minha família.

Foi aí que o medo se assentou em mim de um jeito quieto: não como susto, mas como luto. Caminhei sem saber para onde, movido por uma necessidade antiga: procurar a igreja, o centro, o nome das coisas. Se eu encontrasse o nome, talvez encontrasse também a minha época. Perdi-me nas ruas.

Na praça, vi uma placa grande, de letras perfeitas, como se fossem cortadas com faca: “Bem-vindo a Nova Barreiras do Sul – 2030”. Li mais de uma vez. A cabeça tentou recusar, como recusa febre, mas os olhos não mentiam. Perto dali outra placa menor trazia algo como uma explicação, como se o passado coubesse numa nota de rodapé: “Antiga Santa Lídia das Campinas (fundada em 1878). Renomeada em 1974”. Senti meu estômago cair. “Antiga”. Era como se eu tivesse virado antigo também.

Eu ainda estava sentado num banco quando ouvi uma voz perto de mim, voz de homem, com um jeito diferente de juntar as palavras:

— Você está bem? Está perdido?

Ergui os olhos. Um sujeito com roupa limpa, símbolo no peito e um

negócio pendurado no pescoço como identificação. Ele me olhava com estranheza, não exatamente com ameaça. Mais como quem acha que está diante de um problema que não aprendeu a nomear.

— Moço... — Minha voz saiu seca. — Que dia é hoje?

Ele respondeu, consultando um relógio que não tinha ponteiro e ainda assim sabia o tempo:

— Sete de janeiro. Dois mil e trinta.

Eu respirei fundo, como se fosse mergulhar.

— E... Santa Lídia das Campinas?

Ele apontou para a placa atrás de mim.

— Esse era o nome antigo. Agora é Nova Barreiras do Sul.

O mundo girou devagar, sem pressa de ter piedade. Eu queria dizer “eu dormi uma hora”. Mas aquilo soaria como loucura. Ainda assim, alguma coisa dentro de mim exigia a verdade, porque a mentira não teria onde se agarrar.

— Eu deitei pra dormir... — falei, sem força para enfeitar — e acordei aqui.

O homem não riu. O rosto dele endureceu em atenção.

— Tá. Vem comigo. Ali tem um posto de saúde, e a gente vê o que fazer.

Eu segui. Enquanto andávamos, eu via a cidade desfilar em torno como um rio de coisas novas: sons finos, placas brilhantes, casas sem quintal, pessoas que não carregavam sacos nem enxadas. Era como se o trabalho tivesse mudado de forma. Como se o peso tivesse saído dos braços e ido morar em outras partes invisíveis do mundo.

Chegamos perto de uma rua onde havia mais movimento. O homem apontou um prédio e disse um nome que eu não guardei. Mas algo, adiante, me prendeu os olhos. Uma placa de rua. As letras eram claras e secas, e o nome me acertou como se alguém tivesse me chamado pelo sobrenome de família num lugar onde eu não devia existir: “Rua Domingues”. Parei. O homem percebeu.

— O que foi?

Não respondi de imediato. Fiquei olhando aquela placa como se ela pudesse desatar o nó dentro do meu peito. Domingues era o sobrenome da minha família. Não era comum ali, pelo menos não naquele tempo.

Eu conhecia aquele nome de perto, de mesa, de batismo, de briga e reconciliação. A rua, em 2030, carregava esse sobrenome como se carregasse uma memória oficial. Um pedaço da minha vida transformada em endereço.

— Esse nome... — eu disse, e a frase se quebrou no meio.

O homem seguiu meu olhar e leu.

— “Rua Domingues”. Sim. É uma rua antiga daqui. Homenagem a uma família importante, eu acho. Tem até uma escola com o nome... ou tinha. — Ele franziu a testa. — Você conhece alguém com esse sobrenome?

Eu senti que, se dissesse “era o meu”, alguma coisa em mim ia desabar. E, ao mesmo tempo, era exatamente isso: era o meu, mas não me pertencia mais.

— Eu conheço — respondi baixo. — Conhecia.

E naquele “conhecia” havia um mundo inteiro: havia uma mesa que já não existia, uma voz que não poderia mais me chamar, um quintal com galinhas que talvez hoje fosse estacionamento.

Eu olhei para trás, na direção em que eu achava que minha casa ficava, embora a cidade toda tivesse se reorganizado. Pensei na janela que fechei para dormir. Pensei no escuro macio. Pensei no silêncio lixado. E uma ideia me atravessou, fria: Talvez eu não tivesse “vindo” ao futuro. Talvez a casa tivesse ficado presa num intervalo e, num capricho do tempo, tivesse me soltado do lado de cá, como quem solta um objeto esquecido do bolso quando já não faz sentido guardá-lo.

Eu queria perguntar onde estavam os Domingues. Queria perguntar quando, como, por quê. Mas o que saiu foi só:

— Moço... essa rua... fica perto de onde era a casa dos Domingues?

Ele me olhou de novo, mais atento agora, como se começasse a perceber que aquilo não era teatro nem brincadeira.

— Fica. Quer ir lá?

Hesitei. Não por medo de andar, mas por medo de ver. Porque, às vezes, a gente prefere a dúvida à certeza quando a certeza tem cara de perda.

Ainda assim, eu disse:

— Quero.

E fui, como quem segue um fio dentro do escuro, sabendo que o fim

pode ser uma porta... ou um abismo. Seguimos pela calçada como quem caminha sobre uma coisa recém-inventada. Eu tentava pisar com cuidado, mas não havia barro para ceder nem pedra solta para denunciar o passo. O homem ao meu lado, que eu ainda não sabia se era guarda, médico ou só um cidadão corajoso, ia olhando para mim de viés, como se esperasse que eu desabasse a qualquer momento.

A cidade tinha cheiro de coisa lavada. Eu reconhecia o sol, reconhecia o vento quando ele vinha, mas o resto parecia feito de um material que não existia no meu tempo: vidro demais, metal demais, luz demais. E eu, no meio, era como um erro de costura num pano novo. Quando ele apontou adiante, disse:

— É ali. Rua Domingues... o prédio é aquele da esquina.

Eu vi. Um prédio alto, de linhas retas, com uma frente de vidro que devolvia o céu como um espelho. Na base, havia um hall grande e gente entrando e saindo por portas que se abriam como se obedecessem a um pensamento. Senti o estômago apertar: naquele lugar, até as portas pareciam ter vontade própria.

Paramos na esquina. E lá estava. Uma placa fixada num pedestal, com letras claras, sem ornamento, e um brasão que eu não conhecia. A placa tinha o jeito de quem fala do passado com distância, como se o passado fosse um objeto guardado, e não uma vida vivida.

Aproximei-me devagar, como se o metal pudesse queimar. Li e, enquanto lia, a sensação era de estar ouvindo alguém contar a história da minha família como se fosse história de outro.

MEMORIAL DA FAMÍLIA DOMINGUES – PIONEIROS DE SANTA LÍDIA DAS CAMPINAS (atual Nova Barreiras do Sul). A família Domingues, estabelecida na região no final do século XIX, contribuiu para o desenvolvimento econômico local por meio da criação de gado, do comércio de alimentos e da organização comunitária. Destacam-se iniciativas relacionadas a abastecimento, feiras, doações à paróquia e apoio à abertura de estradas vicinais. Este edifício integra o projeto de revitalização do centro histórico, preservando a memória dos antigos moradores em diálogo com a cidade contemporânea.

Tive que reler o trecho do “comércio de alimentos”. Eu conhecia aquilo por outro nome: era eu, semana após semana, repartindo carne, recebendo farinha, arroz, feijão... o pagamento que vinha em sacos, em

punhados, em promessas.

A placa não dizia meu nome. Dizia “família”, dizia “pioneiros”, dizia “desenvolvimento”. Eu me senti reduzido a uma palavra que cabia num metal. Minha garganta fechou.

— Tá vendo? — O homem disse, tentando ser prático, como quem oferece um corrimão. — É homenagem. Aqui tinha coisa antiga, mas foi tudo mudando... agora é isso.

Não respondi. Na minha cabeça, a imagem do meu pai, ou de quem fosse meu pai, naquele tempo, se misturava com a frase da placa. Eu queria perguntar: Qual Domingues? Qual ramo? Qual casa? Queria perguntar se os Domingues tinham virado gente importante ou se o mundo só precisava de nomes para batizar rua e escola. E eu, que tinha nome, era só um corpo fora do lugar.

Foi então que percebi alguém sentado num banco um pouco afastado, perto da sombra de uma árvore que parecia antiga de verdade. Era uma senhora. Pele marcada, cabelo branco preso, uma bolsa no colo. O jeito dela estar ali tinha calma, como se a cidade, toda ela, fosse um barulho que não a empurrava.

Ela olhou para nós. E não foi um olhar qualquer. Não foi olhar de curiosidade nem de pena. Foi um olhar de reconhecimento desconfiado, como quem escuta uma palavra dita do jeito certo e, por isso, se assusta.

O homem ao meu lado falou:

— Dona Nair, tudo bem? Esse rapaz aqui... tá meio perdido.

Eu ia agradecer, ou ao menos acenar, mas a senhora me interrompeu antes que eu abrisse a boca. Ela franziu a testa, apertou os olhos e perguntou, devagar, como quem puxa uma linha antiga:

— Você é de onde, menino?

A palavra “menino” me atingiu de modo estranho. Eu tinha vinte anos, mas, ali, naquele mundo, não sabia nem se isso significava juventude ou teimosia.

— Eu... — comecei, mas hesitei.

A senhora inclinou a cabeça.

— Você fala como... — Ela parou, como se tivesse medo de dizer. — Você fala como meu avô falava. E ele era da roça mesmo, daqueles de... daqueles de Santa Lídia.

O homem soltou um riso curto, nervoso:

— Isso aí deve ser impressão, dona Nair. O cara tá fantasiado, sei lá. Ou tá...

Ela levantou a mão, pedindo silêncio, sem precisar aumentar a voz.

— Não é impressão. — Então olhou direto para mim, e os olhos dela ficaram úmidos sem escorrer. — Você disse “carnear”, não disse? Eu ouvi. E disse “na íntegra”, desse jeitinho... Meu avô dizia isso quando falava de vender bicho, antes de ter... antes de ter geladeira nas casas.

Eu senti o chão firme debaixo dos meus pés e, ainda assim, uma tontura subiu como febre.

— A senhora... conheceu alguém dos Domingues? — perguntei.

Ela respirou fundo, como se buscasse dentro de si uma gaveta difícil.

— Eu sou Domingues, meu filho. Domingues por parte de mãe. — Ela apontou com o queixo para a placa. — Essa história aí... tem verdade, mas tem enfeite. Sempre tem.

Meu peito apertou com uma força quieta. A alegria e a dor vieram misturadas, porque não era “minha mãe”, não era “meu pai”, mas era sangue. Era nome. Era uma ponte.

— E a casa... — Minha voz saiu falhada. — A casa antiga dos Domingues... onde ficava?

O homem ao meu lado se mexeu, desconfortável.

— A casa antiga não existe mais, eu acho. Aqui era...

A senhora cortou de novo, firme.

— Existia, sim. Ou existe, de algum jeito. — Ela me encarou com um tipo de cuidado que não era piedade: era prudência. — Tinha uma casa velha numa rua lá embaixo... A prefeitura falava em tombar, depois desistiu. Diziam que era perigosa, que tinha problema na estrutura. Mas ninguém derrubava. Ficava... como um dente que não cai.

Engoli seco. A palavra “perigosa” me fez lembrar o silêncio liso do meu quarto. A casa “como um dente que não cai”... era exatamente a sensação: algo do passado que o tempo não conseguiu arrancar.

— A senhora sabe o nome da rua? — perguntei.

Ela olhou para o prédio, para a placa, como se buscasse coragem no metal.

— Hoje mudaram os nomes. Mas... — Ela deu um sorriso pequeno,

triste. — Mas eu lembro do antigo. Eu lembro porque minha mãe fazia questão de lembrar. Chamava Rua do Engenho. Hoje... hoje é Avenida qualquer coisa. Eu confundo.

Fiquei quieto, porque “Rua do Engenho” era um pedaço do meu mundo dito em voz alta. E ouvi-la naquela boca, em 2030, me deu a sensação de que o tempo não tinha me apagado completamente. Só tinha me deslocado.

A senhora, então, fez uma pergunta que me desarmou mais do que qualquer placa:

— Você tem fome?

Pisquei sem entender. Parecia pergunta de quem vê um doente. E talvez eu fosse. A fome que eu sentia não era só de comida. Era de chão conhecido, de rosto familiar, de um “tá tudo bem” dito pela voz certa. Mas a barriga, lembrada de repente, respondeu por mim com um aperto surdo.

O homem pigarreou, tentando recuperar o controle do que não entendia.

— Dona Nair, a gente ia levar ele no posto...

— Leva. — Ela concordou, mas os olhos dela não saíam de mim. — Mas antes me diz, menino... qual é o seu nome?

Senti a pergunta como se fosse um teste. Eu sabia o meu nome com a mesma certeza com que sabia o cheiro da minha casa. E, no entanto, ali ele parecia frágil. Como se, ao dizer, eu pudesse provar o impossível... ou perdê-lo.

Respirei fundo.

— Eu me chamo Domingues. — E então, como quem coloca o resto do corpo na palavra — Eu sou de Santa Lídia das Campinas. O ano... o ano era 1925 quando eu me deitei.

O homem abriu a boca, mas não saiu voz. Só o ar. A senhora fechou os olhos por um instante, como quem faz uma conta longa por dentro. Quando abriu, estava mais pálida. Não assustada no sentido comum, mas assustada como quem percebe uma coisa antiga se movendo.

— 1925... — repetiu, baixo. — Meu Deus.

Ela olhou em volta, como se esperasse que alguém estivesse ouvindo demais. Depois, inclinou o tronco na minha direção e falou muito suavemente, quase íntimo:

— Se você tá mentindo, você é o melhor mentiroso que já passou por essa praça. Mas eu... eu não acho que você tá mentindo. Você tem um jeito... um jeito de olhar como quem não entende o mundo, mas entende o peso dele.

Eu senti meus olhos arderem. Não deixei cair lágrima, mas o corpo inteiro ficou quente, como se a vergonha e a saudade tivessem encontrado uma passagem.

— O que eu faço, então? — perguntei, e minha voz saiu com uma simplicidade infantil que eu não reconhecia em mim. — Eu só... eu só dormi.

A senhora apertou a bolsa no colo.

— Você faz o que todo Domingues sempre fez quando o mundo muda: segura firme o que dá pra segurar. — Ela olhou para o homem. — Leva ele no posto, sim. Mas depois... depois você me traz o endereço dele. Onde ele acordou.

O homem hesitou.

— Dona Nair, isso...

— Eu sei. — Ela assentiu. — Eu sei como soa. Mas eu também sei o que eu ouvi. E eu sei o que eu vi.

Ela apontou com o queixo, discreto, para minhas roupas, para minhas mãos, para o meu jeito de ficar em pé como quem está pronto para trabalho pesado.

— Isso não é fantasia de festa. Isso é tempo agarrado no corpo.

O homem passou a mão no rosto, rendido a um problema grande demais para caber numa explicação fácil.

— Tá. — Ele concordou por fim. — Tá bom. Vamos fazer isso direito.

Olhei mais uma vez para a placa do memorial. Aquela história oficial, limpa, resumida, falava de “diálogo com a cidade contemporânea”. Pensei, com uma tristeza mansa: o diálogo era eu. Eu era o resto vivo do que a placa tentava conter. E, enquanto eu seguia com eles, senti uma coisa estranha no fundo do peito: não era esperança alegre. Era outra coisa, mais dura e mais humana. Era a ideia de que, se existia uma rua com meu sobrenome, se existia uma senhora Domingues que reconhecia minha fala, então talvez eu não estivesse sozinho no futuro.

Talvez o futuro estivesse escondido em alguma esquina, um lugar

para a minha falta. E a minha casa... A casa que parecia presa num intervalo, continuava lá atrás, silenciosa, como um animal que respira sem fazer barulho. Como se esperasse. Como se lembrasse.

O posto de saúde ficava num prédio claro, com cheiro de limpeza forte e um frio constante que me fazia lembrar, sem querer, do caixote gelado da cozinha. O homem me guiou até uma mesa onde uma moça deslizava os dedos em algo que tinha uns quadradinhos com letras, sem olhar muito. Não sei o que era aquilo. Havia também uma tela luminosa na frente dela, que parecia com a lousa escolar de ardósia que eu usava na escola. Mas entendi que não era aquilo. Eu me sentia observado por aquela luz que emanava desta tela, como por um olho que não pisca.

— Nome completo? — Perguntou-me automaticamente a moça.

Eu respondi, e o som do meu sobrenome pareceu bater na parede e voltar, como se também estranhasse o lugar.

— Domingues. — Acrescentei, por força de hábito, como quem se apresenta e se firma no chão. — Nascido e criado em Santa Lídia das Campinas.

Ela levantou as sobrancelhas por um instante, mas continuou.

— Data de nascimento?

Eu hesitei. No meu tempo, o nascimento era contado por ano, por mês aproximado, por “foi no tempo da seca” ou “foi antes da enchente”. Eu disse o que sabia: ano, e o resto como pude. A moça digitou, digitou... e então parou. Digitou de novo. Mudou alguma coisa. Consultou outra tela. E o silêncio que veio foi um silêncio de máquina contrariada.

— Não aparece nada.

Ela disse, como se eu fosse uma informação errada. Sem registro... sem nada.

O homem ao meu lado se mexeu, desconfortável.

— Tenta com outro nome — ele sugeriu, já sem convicção.

— Eu não tenho outro — respondi, baixo. — Eu só tenho esse.

A moça olhou para mim com uma ponta de pena, e algo parecido com medo, não de mim, mas do inexplicável.

— O senhor tem algum documento? Carteira?

Passei a mão nos bolsos como se a resposta pudesse surgir do tecido, mas só encontrei a vergonha vazia de não carregar nada além de corpo e da

memória. Foi quando Dona Nair apareceu na porta do posto, apoiada num passo lento e firme. Ela não veio correndo; veio como quem já esperava encontrar o mundo desalinhado. Ela pediu para falar com o homem, num canto. Eu não ouvi tudo, mas ouvi partes, e as partes bastaram:

— ...não leva isso pra guarda como curiosidade...

— ...tem coisa velha na família...

— ...aquela casa... não é só casa.

O homem respondeu num tom de quem tenta manter a cidade inteira organizada dentro da própria cabeça:

— Dona Nair, eu preciso de um motivo...

E ela, com a mesma calma, soltou a frase como se fosse uma chave entregue sem explicação:

— O motivo é que um Domingues sumiu em 1925. E a história nunca fechou direito.

Eu senti minhas costelas apertarem, como se alguém tivesse amarrado um barbante em volta do peito. “Sumiu.” Aquela palavra tinha peso de pedra. Eu nunca tinha imaginado minha ausência como acontecimento; para mim tinha sido só um cochilo.

Dona Nair voltou até mim.

— Vem — ela me disse. — Vamos na Rua do Engenho... quer dizer, na avenida que virou a Rua do Engenho. Mudaram o nome, mas eu ainda chamo assim.

Ela não explicou mais nada. E eu aprendi, naquele minuto, que algumas pessoas guardam silêncio não por falta de palavra, mas por excesso de história.

A caminhada até lá foi curta, mas pareceu longa. Eu via vitrines, sim, as vitrines existiam no centro da cidade, na minha época. Também havia carros, placas e gente falando muito rápido. Tudo me atravessava sem pousar. Era como se eu estivesse numa cidade feita de superfície, e eu, feito de fundo.

Quando chegamos, reconheci o lugar antes de conhecer o lugar. Não era a rua como eu lembrava. Era recoberta com algo escuro, e não com as pedras de que me recordava. Isso não havia antes. As árvores eram plantadas em ordem, como se fosse organizado. Mas havia um ponto, um ângulo de esquina, uma leve curva no terreno, que doeu em mim como

lembrança física.

— É aqui — Dona Nair disse, apontando.

E eu vi minha casa. Ela estava de pé, como uma pessoa teimosa. Mas já não era “minha” em nada além da forma antiga. Tinha pintura nova, portão, grades. No quintal, onde eu lembrava do chão batido, havia um outro tipo de piso. E a vida de outro povo se espalhava pelas janelas.

O homem bateu palmas no portão, do jeito que se fazia no meu tempo. Uma mulher apareceu, uns quarenta e poucos anos, roupa simples, olhos atentos. Atrás dela, uma criança passou correndo com um objeto brilhante na mão.

— Boa tarde! — Disse o homem. — A senhora mora aqui? Aconteceu uma situação... esse rapaz está desorientado.

A mulher olhou para mim e seu rosto endureceu, como quem calcula perigo.

— Desorientado de quê?

Antes que o homem inventasse um caminho fácil, Dona Nair falou, num tom que não pedia licença:

— Essa casa... era dos antigos Domingues. A senhora já achou alguma coisa velha aqui?

A mulher hesitou. O olhar dela mudou. Não ficou mais brabo, ficou... desconcertado.

— Achei. — Ela admitiu. — E eu não gosto de falar disso.

Dona Nair inclinou a cabeça, como quem já sabia a resposta antes da pergunta.

— A faca.

A mulher empalideceu um pouco.

— Como a senhora sabe?

E aí, pela primeira vez desde que acordei no futuro, senti que a casa respirava. Não por madeira ou telha, mas por memória.

— A senhora pode mostrar? — Dona Nair pediu, mansa.

A mulher hesitou mais um segundo, e abriu o portão com cuidado, como quem abre para um problema, e não para uma visita. Lá dentro, o cheiro mudou. Não era o cheiro do meu tempo, mas havia uma coisa antiga no ar, uma mistura de madeira escondida e lugar que já viu muita gente.

Ela entrou e voltou com um pano de prato enrolado nas mãos,

como se carregasse algo que não devia estar ali. Pôs o embrulho sobre uma mesa e desdobrou. Era uma faca. Cabo escurecido, marcas pequenas no metal, um desgaste onde meu polegar costumava descansar. Não precisei “achar parecida”; eu reconheci como se reconhece uma cicatriz. Minhas mãos tremeram antes de tocar, e quando toquei foi como encostar no meu próprio passado com a ponta dos dedos.

A mulher falou rápido, tentando se proteger do que ela mesma não entendia:

— Isso estava... dentro de uma parede. Quando reformaram, o pedreiro achou. A gente guardou porque... sei lá... parecia errado jogar fora. Mas desde que essa faca entrou aqui, essa casa faz umas coisas. Porta que bate sozinha, barulho à noite. A gente até brinca que é “a casa antiga reclamando”.

Eu olhei para Dona Nair. Ela sustentou meu olhar com um tipo de tristeza antiga, como quem carrega uma história que atravessou gerações sem cura.

— Meu avô — ela disse, sussurrando, — contava que um jovem Domingues sumiu depois de um domingo cansativo de trabalho. A família procurou, rezou, brigou, desconfiou. Um dia, alguém disse que a casa “engoliu” o rapaz. Virou conto popular, desses que a gente finge que não acredita... mas ninguém dormia naquele quarto com a janela fechada.

Ela não terminou. Não precisava. O homem ao meu lado estava pálido, como se o mundo tivesse aberto uma fresta que não devia. E eu, segurando a faca, entendi uma coisa que não era explicação, era só sentimento: a casa não me trouxe para ser feliz. Me trouxe porque não soube me guardar. Ou porque guardou demais e um dia soltou.

Olhei em volta. A mulher e a criança me encaravam como se eu fosse um fantasma de carne.

— Essa faca... — eu disse, e a voz saiu quebrada — era minha.

A mulher engoliu seco.

— Quem é o senhor?

Eu não consegui dar meu nome de novo. Porque nome, ali, parecia pouco. Então disse a única verdade que coube:

— Eu sou o que essa casa esqueceu de terminar.

Silêncio. Dona Nair tocou meu braço com cuidado.

— Você pode levar a faca — ela disse — e eu posso te ajudar com

o resto. Do jeito que der. Mas eu preciso te dizer uma coisa... — Olhou para a casa, depois para mim. — Você não vai voltar. A casa não devolve. Ela só... desloca.

Eu devia ter chorado. Mas a tristeza veio seca, como terra que não recebe água há muito tempo. Apertei a faca na mão e percebi que ela não era arma. Era prova. Era vínculo. Olhei uma última vez para os cantos que um dia foram meus, agora cheios de outro cheiro, outra voz, outra vida. Pela primeira vez, eu não senti raiva. Senti só uma melancolia quieta, como o fim de uma tarde. Saí pelo portão sem olhar para trás. E, enquanto caminhávamos, tive a sensação de que a casa ficou mais leve, como se, ao devolver a faca, ela tivesse devolvido também uma parte do peso que segurava o tempo preso lá dentro. Nunca mais entrei naquela casa.

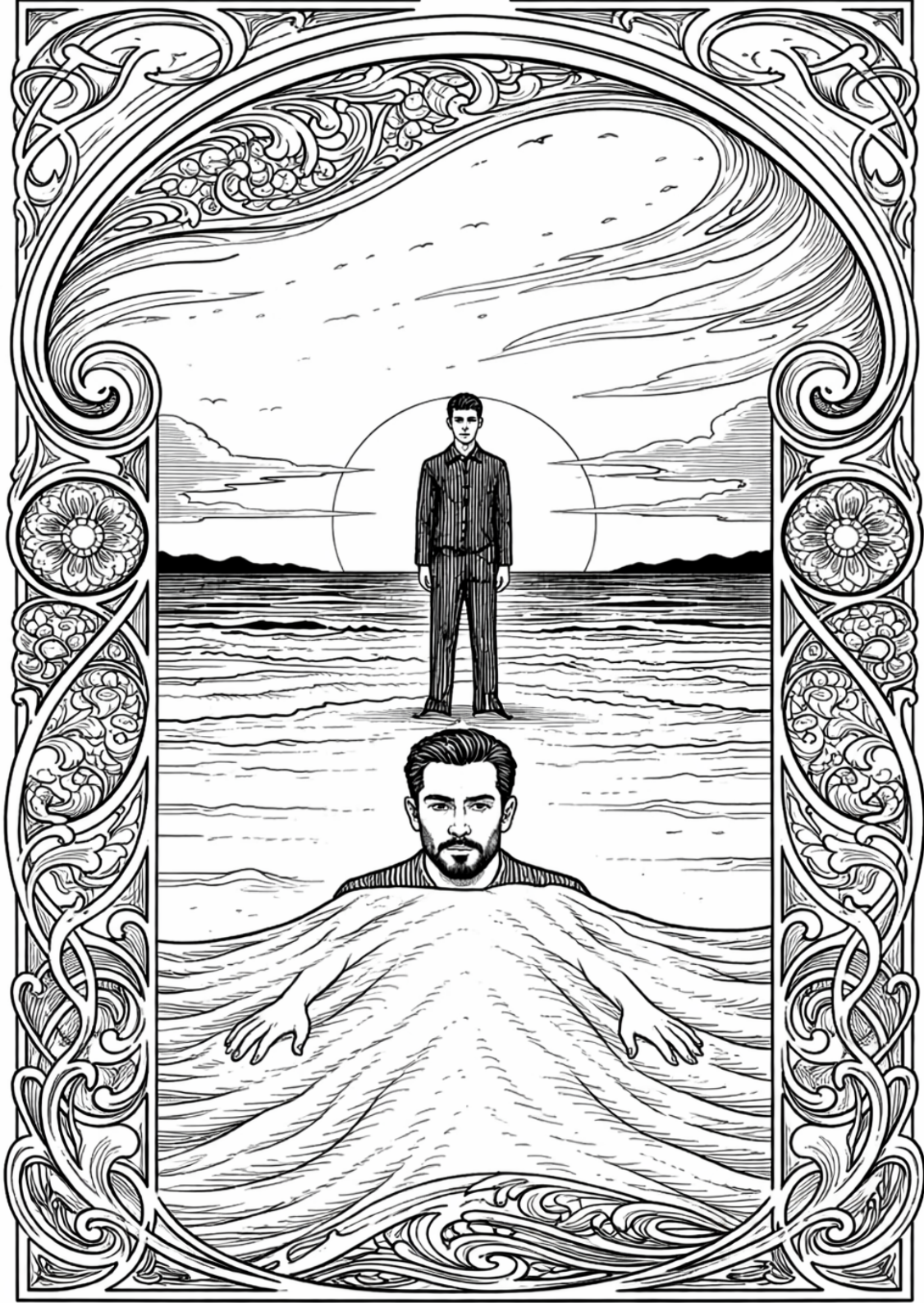
Passsei a viver do lado de fora dela, como quem aceita que certas portas não foram feitas para a segunda tentativa. Dona Nair me arrumou um canto pequeno, e eu aprendi, devagar, tropeçando nas palavras novas, a existir em 2030 com a faca antiga guardada como quem guarda um nome.

Às vezes eu voltava à avenida, sem coragem de admitir que era saudade. Passava pela calçada fingindo que era só caminho, só passagem, só distração. Via a família que morava lá seguir com a própria vida, e isso me doía de um jeito manso: o meu lugar tinha continuado sem mim, como se eu nunca tivesse sido necessário. Mas, em certas tardes, sempre no mesmo tipo de luz, quando o céu ficava pálido e o vento mudava, eu sentia o ar esfriar por um instante, como no dia em que acordei errado. E então eu via.

A janela do quarto, aquela que eu fechei para dormir “só uma hora”, parecia escurecer sozinha, como se alguém por dentro puxasse uma cortina invisível. Não era sombra de nuvem. Não era reflexo. Era um escuro parado, profundo, que durava pouco e depois soltava, como um suspiro. Ninguém mais parecia notar. Talvez ninguém mais pudesse.

Eu seguia andando, sem olhar para trás, porque aprendi que o tempo não pede licença e não dá explicação. E, ainda assim, eu tinha certeza: a bolha ainda respirava, presa ali entre um século e outro, guardando o silêncio do meu domingo como quem guarda um segredo que não serve para ser contado, só para ser sentido.

E eu, que fui arrancado da minha hora e lançado no futuro, compreendi, por fim que o que chamava de “casa” não era madeira, nem telha, nem quarto.



## A AREIA E O ESPELHO

O despertar não veio com a suavidade de um lençol, mas com a aspereza granulada da areia contra a pele. O primeiro sentido a se reativar foi o olfato, um cheiro salgado e mineral que denunciava a proximidade do oceano, misturado ao calor úmido que emanava do solo. Abri os olhos, e o mundo se desdobrou em uma paleta de cores que pareciam roubadas de um sonho: laranjas incandescentes, púrpuras profundos e tons de rosa que se desvaneciam no azul pálido do zênite. O sol, um disco moribundo e gigantesco, beijava a linha do horizonte, tingindo o céu em um crepúsculo melancólico que parecia durar uma eternidade. A mente, ainda turva, tentou processar a posição: estava deitado. Não, a percepção se corrigiu com um choque gélido, não deitado. Estava enterrado.

O corpo, da nuca aos pés, estava imobilizado por uma camada densa e pesada de areia compacta. Era como se a própria praia tivesse me engolido, deixando apenas a cabeça exposta, uma ilha solitária em um mar de grãos. Podia girar ligeiramente o pescoço, um movimento restrito que oferecia uma visão limitada da vasta extensão. À frente, o mar se estendia como uma lâmina de vidro polido. Sua superfície tão calma, que refletia o céu em um espelho perfeito, sem uma única onda a perturbar sua placidez. Não havia dunas nem rochas, apenas a planície infinita de areia fina que se estendia até onde a vista alcançava, deserta, silenciosa, uma tela em branco para um pesadelo.

Um calafrio mais gelado que a brisa que começava a soprar percorreu-me a espinha, não de frio, mas de um terror primordial. Tentei mover os ombros, os braços, as pernas. Uma força invisível mas inquebrável me prendia. A areia não era mais apenas um elemento natural: era uma mortalha pesada, um abraço gélido e inquebrável que me sufocava sem me privar do ar. O pânico começou a borbulhar no peito, subindo pela

garganta, deixando um gosto metálico na boca. Minha mente gritava por liberdade, mas o corpo permanecia inerte, uma estátua viva.

Foi então que o vi. A uns vinte metros, parado na areia, estava um homem. Sua figura era uma silhueta esguia contra o brilho moribundo do sol, imóvel, de costas para o mar, como se observasse algo que eu não podia ver. Não havia pressa em seus movimentos nem surpresa em sua postura. Apenas uma quietude absoluta, uma serenidade que contrastava violentamente com o caos que se instalava em meu interior. Tentei gritar, chamar por ajuda, mas a voz falhou, um sussurro rouco e desesperado que se perdeu no vasto silêncio da praia, engolido pela imensidão do entardecer.

O homem não se moveu, não reagiu ao meu desespero mudo. Seus olhos, mesmo à distância, pareciam fixos em mim, com uma intensidade que gelava a alma, atravessando a distância e a luz fraca. Havia algo naqueles olhos, na linha de seu maxilar, na forma como a luz do entardecer esculpia seu perfil, que era estranhamente familiar. Uma familiaridade que não trazia conforto, mas um terror ainda mais profundo, uma sensação de reconhecimento que me perturbava até o âmago. Era como se estivesse olhando para uma imagem distorcida de mim mesmo, um reflexo sombrio que conhecia cada fibra do meu ser, cada pensamento não dito, cada medo oculto. Ele era eu, e eu era ele, mas de uma forma que desafiava a lógica e a sanidade.

O medo não era mais apenas da situação, da imobilidade, da inexplicável prisão física. Era do homem. Ou melhor, do que o homem representava. Ele sabia. O homem sabia de tudo. O que estava acontecendo, por que eu estava ali, o que viria a seguir. Sua presença era uma pergunta sem resposta, um enigma que me encarava sem piscar. Mas ele não falava. Não se movia. Só observava, como um espelho silencioso de uma realidade que eu não conseguia compreender, mas que sentia, com uma certeza arrepiante, ser intrinsecamente minha. Sua quietude era um julgamento; sua familiaridade, uma condenação.

O sol afundou de vez, e as cores vibrantes do céu deram lugar a um azul profundo, quase negro, pontilhado pelas primeiras estrelas que começavam a cintilar no firmamento. A temperatura caiu, e a brisa noturna trouxe consigo um frio cortante. O homem continuava lá, uma silhueta escura e imponente contra a escuridão crescente, sua forma quase

se fundindo com a noite. E eu, com a cabeça exposta à brisa gelada, senti o frio da areia subir, enquanto o olhar do homem, meu próprio olhar, me prendia em um mistério sem fim, sem resposta, sem escapatória. A praia, antes um cenário de beleza melancólica, transformou-se em um palco para uma introspecção forçada, em que a única companhia era meu próprio reflexo, silencioso e implacável.



## A ESCOLA DOS ECOS

Adelaide havia acabado de aceitar o cargo de professora de música em uma antiga e imponente escola centenária. O colégio, uma construção de tijolos avermelhados com janelas altas e um ar de majestade decadente, erguia-se no alto do morro que se impunha sobre a pequena cidade. O gramado ao redor estava malcuidado, como se ninguém realmente se importasse com a aparência do lugar. Apesar de sua grandiosidade, a escola tinha reputação estranha: era o tipo de lugar em que o tempo parecia suspenso, e os corredores pareciam sussurrar histórias.

Desde o início, Adelaide percebeu que havia algo peculiar ali. Os poucos colegas professores pareciam guardar segredos, evitavam falar sobre a escola quando ela tentava se aproximar. Mas Adelaide, curiosa e prática por natureza, preferia deixar os boatos de lado. Ela estava animada com sua nova sala de música: espaçosa, repleta de instrumentos antigos e, em destaque, um piano de cauda preto, brilhante e convidativo, mesmo marcado pelo tempo. Quando tocou as primeiras notas, ficou surpresa com o som. As paredes devolveram a melodia como nenhum outro espaço onde ela tocara antes. Era como se ali, naquele lugar, cada eco chegasse carregado de um toque de vida própria.

— São os ecos — comentou uma funcionária mais velha, observando-a com um olhar distante. — Essa escola tem um jeito curioso de guardar as vozes e os sons que passam por aqui.

Adelaide sorriu, achando que fosse apenas mais um conto folclórico local. Porém, com o passar dos dias, começou a perceber coisas que desafiavam suas tentativas de racionalizar os eventos.

A sensação de estranheza começou a ganhar força dia após dia. Os corredores da escola tinham algo de desconcertante. Adelaide frequentemente terminava seus turnos exausta, não apenas pelas aulas,

mas também por se perder no caminho. Os corredores pareciam se esticar e se torcer à medida que ela andava por eles. Era como se a escola mudasse suas formas, desafiando seu senso de direção.

Certa manhã, enquanto se dirigia para a sala de música, Adelaide jurou que conhecia o caminho, mas o corredor, que normalmente levava à sala, terminava em uma escada que ela nunca tinha visto antes. Subindo, foi parar em uma ala desativada, com janelas partidas e um cheiro de madeira envelhecida e mofo. Ao encontrar sua sala, minutos depois, estava atrasada e visivelmente confusa.

— É sempre assim no começo — comentou um dos professores, como uma piada. — Mas, para ser sincero, acho que essa escola às vezes gosta de brincar com a gente.

Por mais que tentasse se adaptar, a sensação de estar sendo guiada para onde não queria continuava se repetindo. O ar nos corredores parecia pesado, e sussurros delicados ecoavam ao longe, como se algo a observasse.

Certa noite, enquanto reorganizava a sala de música, Adelaide decidiu explorar um armário trancado que havia ignorado até então. Após forçar a fechadura enferrujada, encontrou instrumentos antigos, quebrados, e uma pasta de couro gasta. Dentro dela havia algo que a intrigou: uma partitura antiga, de aparência peculiar.

O papel estava amarelado pelo tempo, e as notas registradas pareciam erráticas, desorganizadas, quase incompletas. Havia símbolos espalhados por entre as melodias, símbolos que pareciam ser mais do que simples anotações musicais. Adelaide sentiu um arrepio inexplicável ao tocar o papel. Algo nela parecia vibrar, como se as notas tivessem uma vida oculta, clamando para serem executadas.

Intrigada, colocou a partitura sobre o piano, ajustou os dedos às teclas e pressionou a primeira nota. O som que ecoou dali foi mais profundo e longo do que o esperado. As paredes responderam como um coro invisível, devolvendo a nota com intensidade. Conforme continuou a tocar, os ecos começaram a reagir à música, devolvendo vozes, palavras espalhadas, frases fragmentadas:

- Eles nos deixaram...
- Feche os portões...
- Por favor, nos liberte...

Adelaide parou de tocar, gelada. Sentiu os olhos ardendo de tensão e as mãos trêmulas. Algo dentro de si dizia que aquilo não era apenas uma melodia comum. Mas, naquela noite, os sonhos vieram. Desta vez, mais vivos do que nunca: viu crianças correndo pelos corredores da escola, todas vestidas com uniformes antigos, gritando palavras que ela não conseguia decifrar. Um tumulto, portas batendo, gritos abafados. Era como observar um fragmento de memória desmoronando diante de seus olhos.

Depois daquela noite, Adelaide tentou evitar a partitura, mas sentiu que algo nela a atraía de volta ao piano. Era como se uma força invisível chamasse por ela. A cada vez que tocava, os murmúrios nos corredores ficavam mais claros, como se as vozes à sua volta ganhassem forma. Figuras começaram a surgir de relance nos espelhos e nas janelas da escola. Sombras pálidas que desapareciam assim que ela tentava olhar diretamente para elas.

Um nome começou a encontrá-la em seus devaneios: Abel. Não sabia quem ele era, mas a cada melodia o nome vinha até ela. Parecia pertencer a alguém importante, o centro de algo grande e trágico que acontecera na escola há muito tempo.

Certa noite, estudando a partitura, percebeu algo perturbador: suas últimas notas estavam borradas, quase ilegíveis. Era como se ninguém nunca tivesse de fato concluído o que estava ali. Adelaide sentiu o coração bater mais forte. Devia tentar terminar aquilo? E se houvesse algo oculto naquela música? Algo que não deveria ser tocado?

Na noite de sua decisão, Adelaide foi para o piano certa de que precisava conhecer o mistério. Após dias de sonhos, confusão nos corredores e ecos incessantes, ela sentiu que concluir a música era inevitável. As paredes do salão pareciam vibrar enquanto a melodia crescia. As vozes que respondiam ao piano agora estavam claras, quase ensurdecedoras.

— Termine a melodia... por favor!

— Só você pode nos libertar...

— Ou nos manterá para sempre!

Quando seus dedos chegaram às últimas notas, hesitou por um instante, mas algo maior parecia guiá-la. Com um último suspiro, executou a sequência final.

Naquele momento, uma força invisível a puxou para longe. Adelaide foi arrastada para fora de si, como se a sala e seu próprio corpo não fossem mais reais. Quando abriu os olhos, estava no salão principal, diante do enorme retrato que cobria praticamente toda a parede.

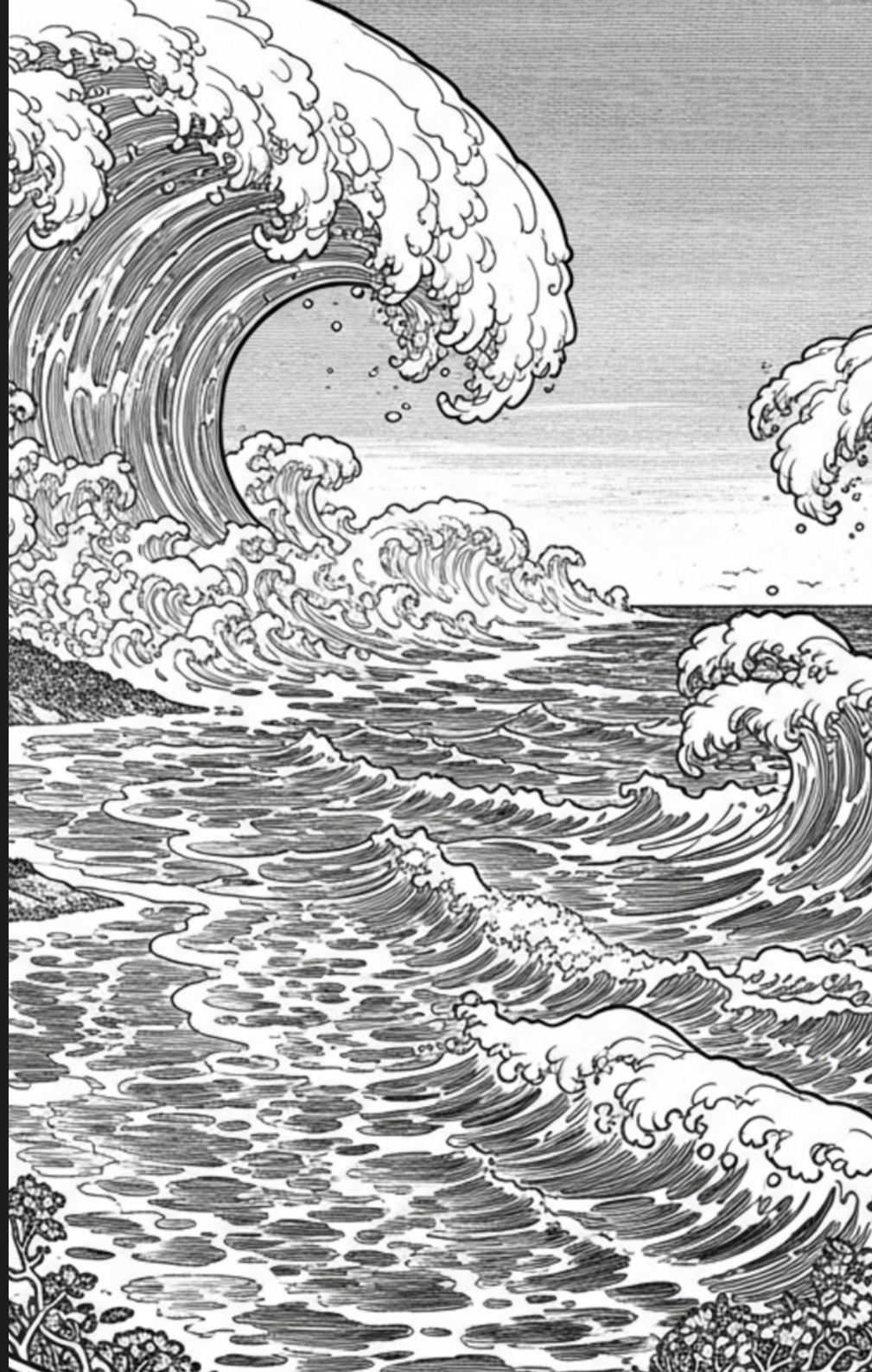
O quadro, antes indistinto, agora estava vivo. Figuras humanas ocupavam o espaço, cada uma com expressões intensas e detalhadas. No centro, ela viu o próprio reflexo.

Adelaide tentou se mover, mas não conseguiu. Sentia-se presa, seus músculos endurecendo, enquanto sua consciência derretia, sendo sugada para dentro daquele retrato. Quando perdeu os sentidos, apenas o silêncio do salão permaneceu. E o piano, em sua sala, por fim emudeceu.

No dia seguinte, a escola parecia mais silenciosa do que nunca. Os professores comentavam como o retrato no salão estava diferente, brilhando de forma incomum. Ninguém se lembrava da professora Adelaide. Era como se ela nunca tivesse existido.

Embora o piano permanecesse no salão de música, quem passasse pelos corredores durante as noites escuras jurava ouvir longas notas ecoando, como se mãos invisíveis tocassem as teclas, com todas as vozes da escola escondidas atrás delas.





## O AVANÇO DO MAR

O dia começou como um fragmento perfeito de felicidade. A enseada, que descobrimos quase por acaso, parecia um segredo bem guardado pela natureza. Cercada por morros verdes e coberta por uma fina areia branca que reluzia sob o sol, era impossível não se sentir abraçado pela calma do lugar. O mar, num tom quase infinito de azul, trazia ondas suaves que iam e vinham como se sussurrassem histórias antigas ao vento.

Nós nos hospedamos numa fileira de apartamentos simples e baixos, dispostos lado a lado próximos à praia, como se fizessem parte da paisagem. Cada unidade tinha uma sala, um quarto e um banheiro – pequenos, sim, mas mais do que suficientes para poucos dias naquele paraíso.

Minha filha, sempre cheia de energia, corria pela areia com os pés descalços, espalhando risadas enquanto brincava de fugir das ondas. Eu e meu esposo, sentados na varanda, observávamos. Ele, com olhar sereno, estudava o horizonte como se tentasse decifrar os mistérios do oceano. Minha mãe, um pouco mais atrás, estava sentada numa cadeira de vime, os cabelos quase prateados brilhando ao refletir a luz do sol. Ela sorria para a neta e tinha um olhar distante, de quem já passou por muitos momentos difíceis, mas ainda sabe encontrar a beleza.

Algo me parecia mágico naquela manhã, e não havia explicação para isso. O cheiro salgado do mar estava mais intenso do que nunca, misturado ao calor do sol que aquecia a pele sem exageros. Senti um aperto suave no peito, um desejo absurdo de querer congelar aquele momento, eternizá-lo, como se de algum modo soubesse que aquilo não duraria.

Foi quando as primeiras mudanças começaram. A brisa leve da manhã deu lugar a um vento frio e insidioso. O céu azul, antes sereno e luminoso como a promessa de um dia tranquilo, foi tomado por nuvens pesadas que surgiam do nada, enchendo o horizonte com tons de cinza e

preto. Pequenas rajadas de vento agitaram as árvores próximas e fizeram com que minha filha voltasse correndo até nós, com o rosto molhado por pequenos respingos trazidos pelo ar.

— Tá ventando muito, papai! — Ela disse, rindo, inocente, como se fosse mais uma brincadeira.

Meu esposo olhou para mim, franzindo a testa. Ele não disse nada, mas eu sabia o que aquele olhar queria dizer: *Isso não parece certo*.

O mar, outrora calmo e gentil, começava a parecer outro. As ondas estavam maiores, chocando-se contra a areia com mais força. A distância entre elas diminuía, enquanto o barulho aumentava, um som profundo, quase ameaçador. Mesmo de longe, podíamos sentir o impacto das águas.

Minha mãe, que até então mantinha seu sorriso tranquilo, sentou-se mais ereta e colocou as mãos sobre os joelhos. Ela olhou para o horizonte com um misto de sabedoria e preocupação, como se algo dentro dela soubesse o que estava por vir.

— Deveríamos subir o morro — ela disse, quebrando o silêncio.

Meu esposo e eu hesitamos. Não parecia haver perigo imediato, mas ao mesmo tempo havia algo no ar. O vento parecia carregar tensão junto com o aroma salgado. Meu coração começou a bater mais rápido, mesmo sem motivo aparente.

Foi então que vimos a primeira onda. Lá no horizonte, uma linha se formava, maior e mais grossa, algo que não parecia comum. Era como se o próprio mar estivesse se erguendo, crescendo sobre si. O barulho da água tornou-se ensurdecedor. Tudo ao nosso redor – o vento, as árvores, nossa respiração – foi abafado por aquele rugido monstruoso. E ainda assim a onda parecia distante demais para ser real.

Meu esposo se levantou num salto.

— Precisamos sair daqui! — Ele disse, com uma urgência que fez minha filha agarrar minha mão com força.

Estávamos a poucos metros do morro, então começamos a correr em direção à trilha estreita que subia até o ponto mais alto. Enquanto subíamos, os primeiros vestígios do desastre começaram a se revelar: a água começou a invadir a areia, avançando com fúria. As pequenas cabanas que estavam na extremidade já estavam sendo engolidas, e logo em seguida o mar se chocou contra os apartamentos como um gigante derrubando peças de dominó.

Minha mãe, que seguia logo atrás, segurava sua saia com uma das mãos, lutando contra o vento que tentava empurrá-la para trás. Minha filha não chorava, mas olhava sobre os ombros, assustada, enquanto subíamos. Cada passo parecia mais difícil conforme o medo apertava o peito.

Ainda assim, avançamos. Quando finalmente chegamos ao topo, olhei para baixo e só pude prender a respiração. A enseada que poucos minutos antes era o pedaço de paz mais perfeito que já vimos agora era um caos completo. A areia estava submersa. Os apartamentos haviam desaparecido completamente. Não havia mais nada além de água, espumas revoltas e destruição.

Minha filha se agarrou em mim. Eu tremia, mas tentei sorrir para ela, passando uma segurança que eu mesma não sentia.

— Está tudo bem agora! — Sussurrei.

Meu esposo olhava em silêncio para o que restava da enseada. Sua expressão firme parecia ter cedido, e ele secou o rosto com a manga da camisa. Não sei se era pelo suor ou pelas lágrimas.

Minha mãe, ao nosso lado, observava tudo com um olhar sereno, quase resignado. Era como se ela já soubesse que o mar havia tomado o que era dele.

A tempestade demorou horas para se acalmar – mas parecia ter durado um século. Aos poucos, o mar começou a recuar, lentamente revelando os destroços do que permaneceria apenas na memória. Paraíso algum, por mais lindo que fosse, sobreviveria àquele dia.

Descemos do morro depois que tudo se acalmou. O céu clareava novamente, mas a sensação de algo ter mudado para sempre não nos abandonava.

Caminhando pela lama onde um dia estive a areia branca, minha filha, ainda em silêncio, abaixou-se para pegar algo.

— Olha, mamãe — ela disse, mostrando uma concha lilás que havia sobrevivido à tempestade.

Eu peguei a pequena concha em minhas mãos e a observei com atenção. Era perfeita, com pequenos desenhos ondulados como miniaturas das ondas que nos haviam engolido. Minha filha sorriu para mim e disse:

— O mar deixou isso pra gente.

E eu acreditei.



## O ARQUIVO INFINITO

Amália trabalhava há anos na Secretaria de Educação de seu município, situada em um daqueles prédios antigos que pareciam não pertencer a nenhum século específico. Com seus corredores largos de piso desgastado, paredes descascadas e salas sempre mal ventiladas, o local exalava abandono, apesar do trabalho frenético que acontecia ali todos os dias.

Sua rotina era previsível, quase mecânica: carimbar dezenas de documentos, revisar tabelas de registros escolares e recadastrar alunos. Era sempre assim: repetitivo, mas fácil. Pelo menos isso ela sabia manejar. Entretanto, havia alguma coisa naquele prédio que criava nas pessoas a sensação de que, por trás da ordem aparente, algo muito errado acontecia.

No centro de tudo isso estava a Sala de Arquivos Especiais, uma sala fechada pela qual Amália passava diariamente ao caminhar pelos corredores. Era uma porta de metal branco sem brilho com uma pequena placa gravada com as palavras “ACERVO RESTRITO”. Durante anos, ela nunca a viu aberta, nem mesmo quando o chefe entrava para resolver alguma “pendência”. Na verdade, ele sequer era visto usando a chave daquele lugar. A sala parecia mais uma relíquia esquecida do que algo realmente funcional.

Um dia, enquanto organizava papéis, Amália se virou para sua colega Ana, uma funcionária já antiga. Curiosa, perguntou:

— Alguma vez você já entrou na Sala de Arquivos Especiais? O que guardam lá?

Ana, que até então parecia bastante distraída, congelou e olhou para ela com um olhar quase desafiador.

— O que você quer com aquilo? É melhor esquecer essa sala. Qualquer curiosidade que você tenha será castigada.

A resposta não diminuiu sua curiosidade – pelo contrário. Aquilo a perturbou. O que poderia haver ali de tão importante para ser tratado como tabu?

Na terça-feira seguinte, algo estranho aconteceu. Amália chegou ao trabalho com a sensação de que não se lembrava de como havia chegado ali. Não se recordava do ônibus, do caminho pela calçada ou sequer do momento exato em que cruzara o portão da Secretaria. Olhou para o relógio: eram 8h03 em ponto, como sempre. Mas, pela primeira vez, ela percebeu o absurdo: eram sempre 8h03 quando registrava seu ponto.

Quando começou a trabalhar, percebeu outras coisas estranhas. O traje de sua colega estava diferente, como se fosse um uniforme de outro tempo, e certas frases repetitivas pareciam alinhadas com um padrão que ela não compreendia.

Ela também notou que os calendários na parede traziam datas conflitantes. Uma agenda marcava março de 1987, enquanto outra estava atualizada para o mês no presente. Naquele instante, percebeu o quanto o dia parecia deslocado e estranho.

No fim daquela manhã, Amália percorreu os corredores para entregar algumas pastas. Ao passar pela Sala de Arquivos Especiais, viu algo que nunca esperara: a porta entreaberta. Sua respiração congelou por um instante. Ela olhou ao redor, mas não viu ninguém. O corredor estava vazio, um silêncio estranho preenchendo o espaço. Sem saber por que, sentiu os pés movendo-se quase sozinhos em direção à sala.

Ao entrar, Amália foi invadida por um cheiro de papel antigo e ferro oxidado. Estantes de ferro alinhavam-se até o teto, cada uma abarrotada de pastas empoeiradas. Ao passar pelos corredores estreitos entre as prateleiras, percebeu rótulos com datas de décadas passadas, algumas tão antigas, que datavam de antes da criação da própria Secretaria. No entanto, o que mais chamou sua atenção foi uma mesa no centro da sala. Sobre ela, havia uma seleção de pastas abertas, suas etiquetas indicadas à mão. Uma, em especial, continha o título:

*“Registro dos Sonhos de Amália”*

Suas mãos tremeram enquanto pegava a pasta. Ao abri-la, sentiu um frio correr por suas costas. Lá estavam registrados pequenos relatos, descrições detalhadas dos sonhos mais íntimos e estranhos que ela tivera nos últimos meses. Corredores infinitos, vozes chamando seu nome, portas que levavam a lugares impossíveis. Havia até anotações sobre pesadelos que ela jamais confidenciara a ninguém.

Mais assustadoras ainda eram as últimas páginas. Lá, coisas que ainda não haviam acontecido estavam descritas. Uma anotação específica fez seu coração saltar: “*Você chegará às 8h03. Encontrará esta sala. Assinará o termo. E a porta nunca mais será aberta para você.*”

Foi nesse instante que um pequeno som chamou sua atenção. Uma caneta de tinteiro, que parecia ter estado jogada sobre a mesa, começou a se mover sozinha, deslizando timidamente até preencher um documento que estava à sua frente. Ela viu, em pânico, o aparecimento lento de seu nome no espaço da assinatura.

Ao tentar recuar, percebeu algo ainda mais terrível: as paredes da sala pareciam se mover. As estantes oscilavam em padrões estranhos, como se não mais estivessem fixas no chão. Por um momento, teve a sensação de que o espaço ao seu redor era maior do que o prédio onde estava.

Amália correu de volta para a porta pela qual entrara, mas agora ela estava trancada. Bateu, gritou e torceu a maçaneta, mas parecia presa dentro de algo que já não pertencia ao mundo lógico. Olhou para o relógio em seu pulso e o pânico a consumiu: o horário marcava 8h03, exatamente o momento em que tudo começara.

Quando se voltou à mesa, percebeu que as pastas estavam organizadas novamente, como se nunca tivessem sido movidas por suas mãos. Mas sua própria pasta continuava aberta, e em suas páginas agora se lia uma nova anotação: “*Você tentou fugir, mas o ciclo permanece. Recomeçará às 8h03.*”

Então, tudo escureceu.

Amália abriu os olhos sentada em sua mesa de trabalho. O relógio de ponto novamente marcava 8h03, e os corredores estavam cheios de seus colegas de trabalho, que seguiam suas rotinas sem sequer notar sua expressão perturbada. Tudo parecia igual, mas algo estava irrevogavelmente diferente: alguns colegas haviam desaparecido, como se nunca tivessem existido, enquanto outros agiam como estranhos.

O ciclo parecia ser uma repetição, mas não uma cópia perfeita: algum detalhe sempre mudava. À medida que os dias recomeçavam, Amália começou a perceber um padrão. Cada vez que entrava naquela sala, algo novo era escrito sobre ela nas páginas de sua pasta, como se a própria sala estivesse decidindo o rumo de sua vida.

Um dia, ela encarou a porta da Sala de Arquivos Especiais mais uma vez, ciente de que, ao entrar, talvez fosse deixar para trás qualquer fragmento da realidade... ou reescrever o ciclo.

Na Secretaria, nunca se ouviu falar de Amália. Mas, tal como a sala que parecia desaparecer e reaparecer, algo permanecia naquele ambiente: um vago eco de alguém que tentava escapar. No relógio da porta principal, o tempo congelado marcava sempre o mesmo horário: 8h03.





## A MANSÃO DO REFÚGIO

É um lindo dia ensolarado, mas a luz que banha a praia parece falsa, um véu dourado estendido sobre uma realidade mais sombria. Estamos no mês de novembro, mas o ar carrega o eco gelado de um inverno que realmente nunca partiu da alma daquela terra. A praia está deserta, e parece não haver um ser vivo na face da Terra, exceto por mim e pelas lembranças que o marulhar das ondas insiste em trazer à tona, como sussurros de um passado que se recusa a morrer.

Na minha mente ecoam lembranças de um ano atrás, quando eu estava nesta mesma praia, mas sob um céu cinzento e um vento cortante que parecia carregar presságios. Naquele inverno, eu, meus primos e amigos havíamos combinado de passar um final de semana na casa da minha tia. Uma casa que não era apenas uma moradia, mas um portal para o esquecido, um bastião contra as marés do tempo, onde as paredes guardavam segredos tão antigos quanto as árvores retorcidas que a cercavam. Segredos, eu viria a descobrir, que incluíam um artefato ancestral, cujo poder era tão fascinante quanto aterrorizante.

A chegada à Mansão do Refúgio – como carinhosamente denominávamos o antigo solar da tia Madalena, embora seu nome verdadeiro fosse sussurrado apenas em lendas esquecidas – deu-se numa sexta-feira ao final do dia. As sombras da noite dançavam com as gárgulas de pedra que adornavam o telhado, cujos olhos vazios pareciam nos observar com uma inteligência ancestral. Ficariamos até domingo, sem saber que, para um de nós, o tempo se esgotaria muito antes do amanhecer do segundo dia, e que a própria essência do medo seria a arma.

Tia Madalena, irmã de meu pai, uma mulher de beleza etérea e olhos que pareciam ter visto eras, com um brilho que ora era maternal, ora enigmático, recebeu-nos com uma alegria que beirava a euforia, quase febril. Ela gostava muito de ser visitada, pois morava sozinha e, de certa forma, muito isolada, guardando segredos mais antigos do que as próprias

pedras da mansão, talvez até mais antigos do que ela mesma. Segredos que, agora eu sei, estavam ligados à proteção daquele artefato. Cheguei perto de tia Madalena, sussurrando-lhe, não em zombaria, mas com um pressentimento gélido que me apertava o peito, uma voz interior que parecia vir das profundezas da própria mansão:

— Tia, aqui não acontecem assassinatos com muita frequência, não é?

Seus olhos, normalmente tão serenos, cintilaram com uma luz estranha, um lampejo de algo que não consegui decifrar. Não era apenas surpresa, mas uma sombra de terror, um medo primordial que eu só viria a compreender depois.

— Ora, francamente, Joana! — disse, mas sua voz, embora leve, carregava uma nota de advertência, como se eu tivesse tocado em algo proibido, um véu que não deveria ser levantado, uma verdade que ela se esforçava para manter oculta.

Dei-lhe um leve tapinha nas costas, um gesto que outrora fora maroto, mas agora parecia profano, carregado de um peso que não lhe pertencia. Nesse momento, os ruídos das outras pessoas começaram a preencher o grande hall: vozes animadas, risadas que ecoavam de forma peculiar nas paredes, o arrastar de bagagens que parecia mais um lamento distante. Todos estavam alheios à teia que já começara a se tecer ao redor deles, e à energia sutil, quase imperceptível, que emanava de algum lugar profundo da mansão, tocando os corações com uma pontada de apreensão.

Dentre os visitantes, os únicos parentes eram eu e meus dois primos, Júlio e Renato. Os demais eram todos do nosso círculo de amizade, mas, sob a luz bruxuleante dos candelabros, cada um parecia carregar uma aura de mistério, um propósito oculto que os trazia a este lugar, talvez até um destino inevitável.

Ao ver a movimentação e, dando-se conta de que era a anfitriã, tia Madalena, com uma elegância que desmentia qualquer atrapalho, pediu-me que apresentasse os demais amigos, pois ainda não os conhecia.

— Oh! Puxa! Como sou descuidada! — disse, sentindo um arrepio que não era de frio, mas de uma premonição que gelava a alma. — Claro!

Aproximei-me de Paulo, um rapaz moreno, com cerca de 1,80m de altura, cujos olhos azuis, outrora meramente galanteadores, agora

pareciam esconder um brilho astuto, quase predatório, como o de uma criatura que caça na escuridão. De fato um excelente exemplar masculino, mas com um charme que parecia extrair a vitalidade de quem o rodeava, deixando um rastro de exaustão sutil.

— Este é o Paulo! Cuidado com ele — disse, e desta vez não era uma brincadeira, mas um aviso velado, quase um presságio — é um incurável namorador... — e talvez algo mais, algo que a luz da razão não pode explicar, algo que a mansão parece reconhecer.

Para provar a minha afirmação, Paulo pegou a mão de minha tia, beijando-a suavemente, ao mesmo tempo que piscou para mim com malícia, como que me incluindo nessa cumplicidade que na verdade não existia, mas que ele ansiava em criar. Nesse instante, um murmúrio de risos percorreu o grupo, mas eu senti um frio na espinha, uma sensação de que algo muito antigo havia sido despertado, ou talvez provocado.

Emília, que estava ao meu lado, era uma garota bastante acanhada, mas seus cabelos escuros e lisos pareciam absorver a pouca luz do hall, tornando-a quase uma sombra. Seus olhos negros, profundos como abismos, pareciam ver além do que qualquer um de nós ousava, capturando segredos que a Mansão do Refúgio tentava esconder, e talvez sentindo a presença do artefato.

— Esta é a Emília — disse, com um olhar de ternura, mas com a sensação de que apresentava uma criatura de outro mundo, talvez uma guardiã silenciosa — uma grande amiga minha!

Virei-me para Lavínia, outra amiga nossa, cujos trajes esvoaçantes e joias antigas pareciam pertencer a uma era esquecida, com um brilho que não era de ouro, mas de magia. Apresentei-a à tia Madalena e, finalizando, disse:

— Estes não há necessidade — indicando Renato e Júlio. — A senhora já conhece muito bem estes dois comilões... e seus apetites insaciáveis, que talvez não se limitem apenas à comida, mas a algo mais perigoso nesta casa.

Com estas palavras, que soaram mais proféticas do que eu imaginava, consegui extrair vaias e protestos de meus dois primos e um gesto afirmativo de concordância de tia Madalena, que parecia entender o duplo sentido do que eu disse, um sorriso enigmático brincando em seus lábios, mas com um traço de preocupação que só notei em retrospectiva.

Feitas as devidas apresentações, era o momento de nos colocarmos mais à vontade na casa, o que minha tia tratou de encaminhar gentilmente, mas com uma solenidade que me arrepiou, como se estivesse a ditar um destino:

— Bem, gente, não pretendo fazer um discurso de boas-vindas para vocês. Só gostaria de dizer que todos são muito bem-vindos e, principalmente, que estes dias que passarão no meu “refúgio” sejam bons e inesquecíveis! Pois, para alguns, eles serão... E que a coragem seja a companhia de todos, pois o medo... ah, o medo pode ser um inimigo traiçoeiro aqui dentro.

Dito isso, tocou uma campainha, mas o som não era metálico, e sim um eco cristalino que parecia vir das próprias paredes, vibrando através da pedra e da madeira. Em seguida, apareceram duas criadas, trajadas rigorosamente com o uniforme, mas seus movimentos eram tão fluidos, tão silenciosos, que pareciam deslizar em vez de andar, como aparições. Seus olhos eram de um azul pálido, quase transparente, e externavam um comportamento exemplar, quase robótico, desprovido de qualquer emoção humana. Tia Madalena dirigiu-se a elas, assumindo um ar mais sério e compenetrado, providenciando as acomodações para todos:

— Façam o favor de conduzir meus convidados aos seus quartos para que possam se acomodar. E que os antigos guardiões da Mansão do Refúgio zelem por todos... ou por aqueles que merecem sua proteção. Pois há coisas aqui que não devem ser perturbadas e medos que não devem ser despertados.

Enquanto as criadas, com seus passos etéreos, guiavam os convidados para seus aposentos, tia Madalena se retirou para seu escritório particular, um cômodo raramente visitado, envolto em um silêncio denso e um aroma de pergaminho antigo e lavanda. Ali, atrás de uma estante de livros que deslizava para revelar uma passagem secreta, ela guardava o Porta-Joias da Sombra.

Não era um porta-joias comum. Feito de uma madeira escura e pesada, que parecia absorver a luz, suas superfícies eram incrustadas com intrincados desenhos em prata envelhecida, formando símbolos arcanos que se contorciam e repetiam. No centro da tampa, uma única gema, opaca e de um tom cinza-chumbo, pulsava sutilmente, como um coração

adormecido. Não havia fechadura visível nem dobradiças comuns; o objeto parecia uma peça única, forjada por mãos que não eram humanas. Uma lenda familiar dizia que o porta-joias continha os medos mais antigos da linhagem, selados há séculos para proteger a família e o mundo. Apenas um toque, um desejo ardente ou um momento de fraqueza extrema poderia ativá-lo. E, se aberto, liberaria uma onda de terror inimaginável.

Naquela noite, a inquietação de tia Madalena era palpável. A presença de tantos jovens na mansão, com suas energias vibrantes e, inevitavelmente, seus medos inconscientes, parecia ter agitado algo dentro das paredes. Ela sentiu o chamado do porta-joias, uma vibração fria que se infiltrava em sua mente. Sabia que alguém, ou algo, estava buscando o artefato.

A noite caiu sobre a Mansão do Refúgio como um manto pesado. Risadas e conversas animadas ainda ecoavam pelos corredores, mas, à medida que as horas avançavam, um silêncio opressor começou a se instalar.

Eu tive um sono inquieto, perturbado por sussurros indistintos e sombras dançantes em minha mente. Um frio anormal parecia emanar das paredes do meu quarto, e eu podia jurar ter ouvido um grito, abafado e terrível, que foi rapidamente silenciado pelo vento uivante.

Na manhã de sábado, o sol tentava, em vão, penetrar a névoa densa que cobria a mansão. O café da manhã, em geral um momento de confraternização, estava estranhamente silencioso. Tia Madalena não apareceu. Após alguns minutos de espera e olhares preocupados, Joana, sentindo um nó no estômago, decidiu que precisávamos procurá-la.

Guiada por uma intuição sombria, segui até o escritório particular da minha tia. A porta estava entreaberta. Ao empurrá-la, o ar gelado que escapou do cômodo me fez recuar. Lá dentro, a cena era de um horror indescritível.

Tia Madalena estava sentada em sua poltrona de veludo diante da escrivaninha. Seus olhos estavam arregalados, fixos em um ponto invisível, e sua boca, aberta em um grito mudo e aterrorizado, parecia congelada no tempo. Não havia uma única marca de violência em seu corpo, nem um arranhão, nem uma gota de sangue. Mas sua face... sua face estava contorcida em uma máscara de puro terror, as rugas de preocupação aprofundadas em sulcos de agonia, os cabelos brancos espalhados e

emaranhados como se ela tivesse lutado contra uma força invisível. Parecia que cada fibra do seu ser havia sido consumida pelo medo mais absoluto.

Sobre a escrivaninha, ligeiramente aberto, repousava o Porta-Joias da Sombra. A gema cinza-chumbo em sua tampa agora pulsava com uma luz fraca e avermelhada, como um olho maligno que acabara de despertar.

Meu grito ecoou pelos corredores silenciosos da mansão, um som agudo que quebrou a quietude e trouxe os outros convidados correndo.

O choque inicial paralisou a todos, mas fui eu quem, apesar do terror que me gelava a alma, senti uma estranha clareza. A premonição que me acompanhava desde a chegada à mansão agora se concretizava de forma brutal. Olhei para o rosto contorcido da minha tia, para o porta-joias aberto e pulsante, e para os rostos assustados e confusos dos meus amigos. Alguém precisava pensar. Alguém precisava agir.

—Ninguém toca em nada!—exclamei, minha voz surpreendentemente firme. Aproximei-me da escrivaninha, mas mantive uma distância respeitosa do corpo de tia Madalena e do porta-joias. — Precisamos entender o que aconteceu. Isso... isso não é um assassinato comum.

Júlio, ainda pálido, assentiu.

— Você está certa. Não há ferimentos. É como se... ela tivesse morrido de susto.

Renato, que até então estava em choque, começou a tremer.

— De susto? Mas como? O que poderia ter feito isso? — De repente, ele soltou um grito abafado e começou a se debater, coçando-se freneticamente. — Aranhas! Elas estão por toda parte! Na minha pele! Tirem-nas de mim!

Não havia uma única aranha visível no quarto, mas Renato as via rastejando por seus braços e seu pescoço, tão reais para ele quanto o ar que respirava. Júlio tentou acalmá-lo, mas o pânico de Renato era contagiante, e o ar parecia vibrar com a sua agonia.

Paulo, que havia se afastado um pouco, observava as reações dos outros com uma sobrancelha arqueada.

— A Mansão do Refúgio sempre teve suas peculiaridades, não é, Joana? Talvez sua tia tenha encontrado um de seus “guardiões”.

Havia um tom de sarcasmo em sua voz, mas seus olhos não desviavam do porta-joias. Notei que, embora Paulo não demonstrasse

medo, seus olhos azuis, antes tão seguros, agora carregavam uma sombra de apreensão quando se fixavam no artefato. Ele parecia reconhecer o perigo, talvez até o poder.

Emília, com os olhos fixos no artefato, finalmente falou, sua voz baixa e rouca, quase um lamento.

— Não foram os guardiões, Paulo. Foi *Ele*, o medo liberado. — Ela levou as mãos ao peito, como se sentisse uma dor profunda, e sussurrou: — Não... não pode ser. Ela foi forçada. Ou se sacrificou... para selar algo pior. — Seus olhos, agora mais escuros do que a noite, encontraram os meus, transmitindo uma mensagem de urgência e sabedoria ancestral.

Lavínia, que parecia estar em seu próprio mundo de pensamentos, deu um passo à frente.

— O Porta-Joias da Sombra. A lenda diz que ele guarda a essência dos medos ancestrais. Se for aberto, ele não apenas os libera, mas os intensifica e os materializa.

De repente, ela deixou cair a lupa que tirara da bolsa. Seus olhos se arregalaram e ela levou as mãos à garganta.

— Não consigo respirar... as paredes estão se fechando... eu... eu vou ser enterrada viva!

Seus medos, sua claustrofobia, que ela sempre mantivera sob controle, agora a dominavam, fazendo-a cambalear como se o próprio quarto estivesse diminuindo ao seu redor. Senti um arrepio.

— Então... minha tia não morreu de susto. Ela foi morta pelo medo, eu disse.

Olhei para o porta-joias, para a gema cinza-chumbo que agora brilhava com um tom avermelhado sinistro.

— Alguém abriu isso. Ou ela foi forçada a abrir.

A ideia de tia Madalena sendo manipulada ou se sacrificando para proteger algo ainda mais terrível a atingiu com a força de um raio.

O ambiente no escritório tornou-se insuportável. A morte de tia Madalena era apenas o começo. O medo, liberado pelo Porta-Joias da Sombra, estava se espalhando, encontrando as fissuras nas mentes dos convidados e transformando seus piores pesadelos em realidade.

Ignorando o caos crescente, aproximei-me da escrivãzinha de tia Madalena. Se minha tia havia se sacrificado, deveria haver uma razão,

uma pista. Meus dedos percorreram a madeira polida, buscando algo. Foi então que notei um pequeno compartimento secreto, quase invisível, sob a gaveta central. Com um clique suave, ele se abriu, revelando não um documento, mas um pequeno pergaminho enrolado e um medalhão de prata envelhecida. O pergaminho, escrito na caligrafia elegante de tia Madalena, dizia:

*“Minha querida Joana, se você ler isto, o pior aconteceu. Fui forçada a abrir o Porta-Joias da Sombra. Eles queriam o que ele guarda. Não pude permitir. Meu sacrifício foi para atrasá-los, para selar a manifestação mais terrível. Mas o medo já está solto. Para selá-lo novamente, você precisará da Chave dos Sussurros. Ela está escondida onde a luz da lua encontra a sombra mais profunda, um lugar que apenas os verdadeiros guardiões conhecem. A chave é a única esperança. Não confie em ninguém que não compreenda o verdadeiro peso do medo. Proteja a Mansão. Proteja a linhagem. Madalena.”*

O medalhão de prata que acompanhava o pergaminho tinha um símbolo gravado: uma lua crescente abraçando uma sombra. Apertei o medalhão na mão, sentindo um calor estranho emanar dele. A Chave dos Sussurros, pensei, onde estaria? E quem havia forçado minha tia?

Emília, que me observava com seus olhos intensos, tossiu.

— A Chave dos Sussurros... é a única forma. Minha família... nós sabíamos das lendas.

Olhei para Emília, depois para Paulo, que ainda observava a cena com uma estranha calma, e para Lavínia, que agora estava encolhida em um canto, tremendo. Júlio e Renato lutavam contra suas próprias manifestações de terror. A Mansão do Refúgio não era mais um refúgio, mas uma armadilha, e a busca pela chave se tornava uma corrida contra o tempo, antes que o medo consumisse a todos.

Com o pergaminho de tia Madalena em mãos, senti o peso da responsabilidade. Li a mensagem em voz alta, e um silêncio tenso pairou sobre o escritório, quebrado apenas pelos gemidos de Renato e os sussurros de Lavínia.

— A Chave dos Sussurros, — repeti, olhando para Emília e Lavínia.

— Ela está escondida onde a luz da lua encontra a sombra mais profunda. Alguma ideia?

Lavínia, embora ainda abalada, forçou-se a pensar.

— A Mansão do Refúgio... ela foi construída em um ponto de convergência de energias. Minha família... temos registros de lugares sagrados e amaldiçoados. “Onde a luz da lua encontra a sombra mais profunda”... isso me lembra de um antigo observatório no topo da torre leste. É o ponto mais alto da mansão, e a lenda diz que ali, sob a luz da lua cheia, as sombras se tornam portais.

Emília assentiu, seus olhos fixos no medalhão que eu segurava.

— Não é apenas um observatório. É um santuário. Minha avó falava de um prisma lunar, uma lente ancestral que canaliza a energia da lua. E a sombra mais profunda... é a sombra do próprio tempo, onde o passado e o futuro se tocam.

Júlio, que havia conseguido acalmar Renato, aproximou-se, ainda cético, mas visivelmente perturbado.

— Um observatório? E um prisma lunar? Vocês estão falando sério? Minha tia era excêntrica, mas...

— Sua tia era uma guardiã, Júlio. — Emília o interrompeu, com uma voz de autoridade que eu nunca havia ouvido antes. — Ela protegia a linhagem e o que o porta-joias sela. Ela sabia mais do que qualquer um de nós.

Paulo, que havia permanecido em silêncio, finalmente se manifestou, um brilho de inteligência em seus olhos azuis.

— Se há um prisma, ele canalizaria a luz. E se a chave está na “sombra mais profunda”, talvez não seja uma sombra física, mas uma sombra de conhecimento, um segredo oculto que só a luz da lua pode revelar.

E Paulo olhou para o meu medalhão.

— O símbolo da lua e da sombra... não é apenas um adorno.

Senti um arrepio. A teoria de Paulo fazia sentido, mas sua calma e perspicácia eram quase perturbadoras. Ele parecia entender demais.

— Precisamos ir para lá — decidi, apertando o medalhão. — Vamos para o observatório. Agora!

Enquanto subíamos a grande escadaria em espiral em direção à torre leste, o medo liberado pelo Porta-Joias da Sombra se intensificava. Renato, Lavínia, Júlio e até mesmo Paulo sucumbiam às suas próprias manifestações de terror, mas eu, focada na missão, sentia-me estranhamente

protegida pela urgência. As pistas no chão e na porta do observatório apenas aumentavam minha determinação.

A porta do observatório estava entreaberta. Empurrei-a, revelando um cômodo circular com um teto de vidro que se abria para o céu noturno. No centro, um elaborado telescópio de bronze apontava para as estrelas; ao seu lado, um pedestal de pedra sustentava um cristal multifacetado, o “prisma lunar” de Emília. A luz da lua, filtrada pelas nuvens, banhava o observatório com um brilho prateado e etéreo.

No entanto, a chave não era visível. Eu, com o medalhão nas mãos, aproximei-me do prisma. Foi então que uma melodia suave e etérea começou a preencher o ar. Não era uma música tocada por instrumentos, mas uma sinfonia de sussurros, vozes antigas e harmoniosas que pareciam vir de todas as direções e de lugar nenhum. As vozes falavam em uma língua esquecida, mas senti que compreendia. Era a “Chave dos Sussurros”, manifestando-se sonoramente, guiando-me.

Os sussurros se intensificaram, e o medalhão em minha mão começou a vibrar e a emitir um brilho suave, refletindo a luz da lua no prisma. A melodia parecia se concentrar em um ponto específico do chão, um círculo de runas antigas gravadas na pedra.

Quando me ajoelhei para tocar as runas, a voz de Paulo ecoou pelo observatório, fria e calculista, desprovida de qualquer traço de medo ou surpresa.

— Pare, Joana. Você não vai selar isso.

Virei-me abruptamente. Paulo estava parado na entrada do observatório, seus olhos azuis brilhando com uma intensidade que não era humana. Um sorriso cruel e satisfeito brincava em seus lábios. Ele não parecia o mesmo Paulo galanteador; havia algo antigo e perigoso em sua postura.

— Você? — Sussurrei, finalmente entendendo o que estava acontecendo. As microexpressões de desconforto, a curiosidade mórbida, a calma em meio ao caos... tudo fazia sentido agora.

— Sim, eu — Paulo confirmou, dando um passo à frente. — Sua tia foi uma guardiã teimosa. Ela se recusou a ver o potencial. O medo não é algo a ser selado, Joana. É algo a ser controlado. É a maior força motriz da existência.

Então, ele revelou um pequeno amuleto que estava escondido sob sua camisa, um objeto de obsidiana, uma espécie de artefato de origem vulcânica, com o mesmo símbolo de lua e sombra, mas com a lua em sua fase mais escura, quase invisível.

— Eu a forcei, sim, — disse Paulo — mas ela escolheu se sacrificar para selar a entidade que eu queria libertar. Uma manobra inútil. Ela subestimou a minha vontade... e a minha paciência.

A melodia dos sussurros da chave começou a falhar, distorcida pela presença de Paulo. O medo que havia sido liberado pelo porta-joias agora parecia se concentrar nele, fortalecendo-o ao invés de consumi-lo.

Enquanto Paulo se revelava, as duas criadas, que tinham seguido o grupo em silêncio, posicionaram-se nas laterais da entrada do observatório. Seus olhos azuis pálidos, antes inexpressivos, agora pareciam brilhar com uma luz fraca, quase espectral. Elas não se moveram para atacar Paulo, nem para me proteger, mas seus corpos formavam uma barreira sutil, como se estivessem observando e avaliando a situação.

Emília, que havia se recuperado um pouco do choque, olhou para as criadas.

— Elas são os “guardiões” de que tia Madalena falava. Não são humanas. São construtos, criados pela linhagem para manter o equilíbrio da mansão. Elas não podem intervir, a menos que o equilíbrio seja completamente quebrado ou que uma ordem específica seja dada pelos verdadeiros herdeiros.

Lavínia, que agora estava mais calma, mas ainda pálida, complementou:

— Elas observam e registram, mas só agem se a própria Mansão estiver em perigo existencial, ou se o ritual de selamento da Chave dos Sussurros for iniciado por um membro da linhagem.

Percebi que as criadas eram como sentinelas antigas, ligadas às regras e à magia da casa. Elas tinham testemunhado a manipulação de Paulo, a morte de tia Madalena e as manifestações de medo, mas sua natureza as impedia de intervir. Elas eram a prova viva de que a Mansão do Refúgio era muito mais do que aparentava, e que seus segredos eram protegidos por forças que transcendiam a compreensão humana.

O confronto entre Paulo e eu estava prestes a começar, com a Chave dos Sussurros em jogo, o medo se espalhando e as guardiãs silenciosas observando cada movimento.

— Você não vai selar isso, Joana. Paulo repetiu, sua voz ressoando com uma autoridade fria e inabalável. Ele avançou, e a gema do Porta-Joias da Sombra, no escritório abaixo, pulsava com uma luz avermelhada mais intensa, como se respondesse ao seu comando.

— Sua tia foi fraca. Ela acreditava que o medo era uma maldição a ser contida. Eu vejo o poder. O poder de moldar a realidade, de controlar mentes, de reinar sobre a escuridão que habita em cada um.

Ainda ajoelhada diante das runas, senti o medalhão em minha mão esquentar. Olhei para o rosto de Paulo, antes tão familiar, agora distorcido por uma ambição gélida.

— Você a forçou, Paulo! Você é o responsável pela morte dela! Foi um meio para um fim!

Paulo deu de ombros, um sorriso desdenhoso.

— Ela não era mais útil. E agora, a Chave dos Sussurros será minha. E o que ela sela... será libertado.

Ele apontou o amuleto de obsidiana para mim. Uma onda de energia escura e fria emanou dele, atingindo-me em cheio. Senti meu corpo paralisar, meus músculos se contraírem. O medo que a mansão já amplificava em meu coração explodiu em uma visão aterrorizadora: o rosto de tia Madalena, contorcido em agonia, surgia diante de mim, acusador.

— Você falhou, Joana! Você não a protegeu! Você é fraca!

A voz, embora fosse minha própria mente, parecia vir da minha tia, e o terror da minha falha me dominou.

Enquanto eu lutava contra minha própria mente, os outros convidados, que tinham chegado ao observatório, estavam em pânico. Renato se contorcia no chão, gritando sobre as aranhas que o devoravam. Lavínia estava encolhida, as mãos na cabeça, o corpo tremendo, convencida de que as paredes do observatório estavam prestes a desabar sobre ela. Júlio, paralisado por seu medo de falhar, não conseguia se mover para me ajudar, a mente gritando que qualquer ação seria inútil. Emília,

embora não demonstrasse pânico, estava com os olhos fechados e as mãos apertadas, como se lutasse contra uma invasão psíquica.

— Não! — Consegui gritar, forçando-me a quebrar o feitiço do medo. Ergui-me, com o medalhão em minha mão, brilhando com mais intensidade. Eu sabia que precisava ativar a chave. Coloquei o medalhão sobre as runas. A melodia dos sussurros da chave recomeçou, mais forte, mais vibrante.

Paulo riu, um som seco e cruel.

— Tarde demais, Joana. O medo já está livre. E você... você não tem a força para contê-lo.

Ele avançou rapidamente, empurrando-me para longe das runas. O medalhão caiu da minha mão, rolando para o lado. Paulo então se ajoelhou, não para ativar a chave, mas para desativá-la de outra forma. Ele colocou seu amuleto de obsidiana sobre as runas. A melodia dos sussurros foi abruptamente silenciada, substituída por um som gutural e profundo, que parecia vir das profundezas da terra.

O observatório tremeu. Rachaduras começaram a se formar no teto de vidro, e a luz da lua foi engolida por uma escuridão densa que emanava do amuleto de Paulo. A gema do Porta-Joias da Sombra, no escritório abaixo, explodiu em uma onda de energia sombria que varreu a mansão.

Paulo se levantou, seus olhos azuis, agora negros, sem pupilas, brilhando com um poder terrível.

— Obrigado, tia Madalena — ele sussurrou. A voz não mais sua, mas um coro de vozes antigas e malignas. — Seu sacrifício foi o catalisador que eu precisava. O medo não será mais contido. Ele será a fundação de uma nova era.

A Mansão do Refúgio gemeu. As paredes pareciam sangrar a escuridão, e os sussurros do medo se tornaram gritos e lamentos, ecoando por cada cômodo. Não havia mais a necessidade de uma “chave” para selar o artefato. Paulo havia encontrado uma forma de fundir o poder do Porta-Joias da Sombra com a própria mansão, transformando-a em um epicentro de terror.

Caída no chão, eu observava com horror enquanto Paulo se transformava. Sua pele parecia se modificar, seus traços se tornaram mais angulares, e uma aura de poder maligno o envolvia. Ele não era mais Paulo; era a personificação do medo, o mestre da escuridão que tia Madalena havia tentado selar.

O que aconteceu depois foi um borrão de terror que se estendeu por dias, semanas, talvez para sempre. Renato nunca mais se recuperou: foi encontrado em um canto da mansão, balbuciando sobre aranhas invisíveis que rastejavam por sua pele, sua mente irremediavelmente quebrada pelo terror que o consumira. Lavínia, por sua vez, foi descoberta em um armário minúsculo, onde se escondeu, tendo-se enterrado viva em seu próprio medo. Mesmo depois de resgatada, a sensação de asfixia e as paredes se fechando jamais a abandonaram, condenando-a a viver o resto de seus dias em um estado de claustrofobia paralisante. Júlio, o primo que se orgulhava da sua racionalidade, foi consumido pela falha de não ter conseguido proteger sua família e seus amigos, transformando-se em um homem amargurado e silencioso, assombrado pela culpa e pela sensação de impotência. Emília, com sua sensibilidade mística, foi a mais afetada de uma forma diferente, tornando-se uma ponte para o terror liberado. Seus olhos negros agora viam as manifestações do medo em todos os lugares, e ela ouvia os sussurros das vítimas passadas e futuras, isolando-se e tornando-se um oráculo sombrio, uma testemunha eterna da escuridão.

Eu sobrevivi, mas a experiência me marcou para sempre, carregando o peso da falha, a imagem do rosto aterrorizado da minha tia e a memória do sorriso cruel de Paulo, o que me transformou em uma caçadora de lendas, buscando uma forma de reverter o que aconteceu, mas sempre com a sombra da Mansão do Refúgio pairando sobre mim.

A Mansão do Refúgio nunca mais foi a mesma. Ela se tornou um farol de terror, um lugar onde o medo não era apenas uma emoção, mas uma força tangível. As gárgulas no telhado pareciam chorar na escuridão, e o vento que uivava pelos corredores carregava os lamentos das vítimas e os sussurros dos piores pesadelos. Ninguém mais ousou se aproximar. As criadas, com seus olhos azuis pálidos, ainda vagavam pelos salões, mas agora pareciam servir a um novo mestre, o próprio medo encarnado em Paulo, que se tornou o guardião sombrio de um império de terror.

A praia, naquele dia ensolarado, era um contraste cruel com as lembranças que o marulhar das ondas trazia. Eu olhava para o horizonte, sabendo que o “refúgio” da minha tia havia se tornado a prisão de almas, e que seu assassinato foi apenas o prelúdio para a libertação de um terror muito mais antigo e insidioso.

# SOBRE A AUTORA

Cristina Rolim Wolffenbüttel, nascida em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, é uma voz proeminente no cenário acadêmico e literário brasileiro. Com Pós-Doutorado, Doutorado e Mestrado em Música, sua formação abrange diversas áreas, incluindo Informática na Educação, Filosofia e Educação Infantil. Sua profunda conexão com a escrita se reflete especialmente em sua especialização em Literatura Brasileira, que a capacita a transitar pelo universo dos contos.

Sua jornada é marcada por uma dedicação ímpar à cultura, à música e à educação. Cristina é autora de livros que exploram o folclore, a música folclórica e a literatura infantil, com obras como “Bibi e a aventura na cidade”, “Cacá e o Petisco Mágico” e “Resgatando os Contos e as Lendas da Nossa Terra”, além de uma coletânea de poesias: “Poemas ao longo do tempo”. Sua pesquisa no campo das cantigas de ninar, premiada em 1988, e o reconhecimento com a Medalha Dante de Laytano e o Troféu Mulher Gaúcha por sua defesa do folclore, ressaltam seu compromisso com a riqueza cultural do Rio Grande do Sul.

Atualmente, é Coordenadora do Curso de Especialização em Educação Musical e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Lidera os grupos de pesquisa Grupem e ArtCIEd, e contribui ativamente como vice-presidente da Comissão Gaúcha de Folclore e conselheira da Câmara Temática do Patrimônio Cultural Imaterial do IPHAN. Sua paixão pela música também se manifesta em sua experiência como violinista e regente de corais.

Em sua obra, Cristina Rolim Wolffenbüttel tece uma narrativa que se nutre da interdisciplinaridade, da memória e das tradições populares, convidando o leitor a uma reflexão sensível sobre as complexas inter-relações entre arte, educação e sociedade.

